

Ciclo de Encontros Inovação Social em Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Contexto Pandêmico e Pós-Pandêmico



Agricultor João Batista da Costa, no Sítio Mulungu dos Pintos em Barra de São Miguel/PB, alimentando sua criação de caprinos durante visita técnica do Projeto InovaCapri PB/PE.
Autora: Nívea Felisberto. Data: 14/10/2020



Família beneficiária do Projeto Inova Sementes Sul mostrando as sementes de milho que guarda e seleciona para reproduzir em Candiota/RS
Autora: Niziéli Cazarotto Barbosa. Data: 21/08/2020

AUTORES

Nathalia Valderrama Bohórquez, Aletheia de Almeida Machado, Jorge Mesquita Huet Machado, Alexandre Pessoa Dias, Rosenilda de Souza, Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio, Tihaná Hirata de Sousa, Fabiana Vaz de Melo, Adilson Rodrigues da Nobrega, Fernanda Savicki de Almeida

Ciclo de Encontros Inovação Social em Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Contexto Pandêmico e Pós-Pandêmico



INOVASOCIAL

PROGRAMA DE APOIO À INOVAÇÃO SOCIAL E AO
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL

Ciclo de Encontros Online

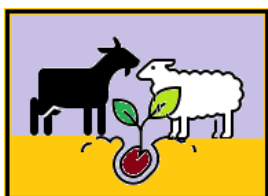
**Inovação Social em Territórios
Saudáveis e Sustentáveis
no Contexto Pandêmico e Pós-pandêmico**

15, 22 e 29 de outubro e 5 de novembro

ÍNDICE

Introdução.

Tecendo o Ciclo de Encontros: Inovação Social em Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Contexto Pandêmico e Pós-Pandêmico **1**



Contextualizando as ações do Programa InovaSocial. O Tear inovador: construindo laços, tecendo narrativas e comunicando realidades **6**

Tecendo ações para a vida, tendo por base os princípios do Programa.

Promover uma aproximação com as vozes de solidariedade, interdependência, ação coletiva e redes sociotécnicas, no atual contexto pandêmico



9



Vigilância popular em saúde: da pedagogia da doença para a pedagogia do cuidado por Jorge Mesquita Huet Machado

177

Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional – A fome no Brasil, Políticas Públicas e estratégias de enfrentamento por Elisabetta Gioconda Iole Giovanna

Recine

222

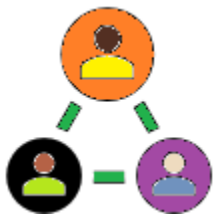
Sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis por Paulo André Niederle

24

Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional – Cultura alimentar, nutrição e territórios por Denise Oliveira e Silva

27

Vigilância popular em saúde e barreiras sanitárias múltiplas por Alexandre



**Reflexões, compartilhamentos e aprendizados.
As narrativas dos trovadores pelos caminhos das
pessoas, dos alimentos e do vírus.**

34



**Das narrativas às ações do cuidado em saúde.
O mutirão de inovações sociais que abrem e trilham
veredas no campo**

42

[Uma mensagem para 2021 para as populações do
campo](#)

51



**Considerações finais e perspectivas futuras para a vigilância popular em saúde
Segura o forró que o vírus ainda não sextou**

53

[Anexo- Mensagem de Fim de Ano 2020](#)

58



Introdução.

Tecendo o Ciclo de Encontros: Inovação Social em Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Contexto Pandêmico e Pós-Pandêmico

O Programa InovaSocial tem sua origem em redes de desenvolvimento rural as quais a Embrapa participa há alguns anos e envolvem organizações sociais e produtivas, instituições acadêmicas parceiras, agências de extensão rural pública e privada e demais agentes do Estado. **O Programa de Apoio à Inovação Social e ao Desenvolvimento Territorial Sustentável – Programa InovaSocial** é fruto de uma parceria entre a **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)**, o **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)** e **diversas organizações de agricultores e de outros segmentos da sociedade civil**, que visa a promover a inserção social e produtiva de agricultores familiares, mediante o fortalecimento de Sistemas Agroalimentares Localizados (SIALs).

Os projetos que compõem o programa iniciaram suas atividades em campo ao final de 2019, início de 2020. O impacto inicial da pandemia que acometeu a todos, frente aos novos desafios impostos pela situação a qual o mundo moderno jamais tinha vivido, passou-se a ser necessário estruturar ações de enfrentamento aos possíveis impactos que a pandemia poderia causar junto as famílias agricultoras que integram as ações do projeto. Famílias estas que já vivenciam de alguma forma situações de vulnerabilidade. A motivação para a organização do Ciclo de Encontros baseou-se na necessidade de fomentar um espaço de diálogo e escuta acerca dos desafios evidenciados pelas redes sociotécnicas do Programa InovaSocial e a partir destes encontros construir coletivamente estratégias de enfrentamento. As ações do ciclo foram coordenadas por profissionais da **Embrapa e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)**.

O objetivo geral do Ciclo de Encontros foi **construir estratégias de enfrentamento à Covid-19**, abordando questões de **segurança alimentar e nutricional**, que permitam **prosperidade e preservação do território**. A metodologia do Ciclo de Encontros

priorizou colher as expectativas coletivas dos atores que compõe o programa e correlacioná-las às informações relativas à saúde que a FIOCRUZ entendia como sendo importante compartilhar. Entre os elementos importantes destacou-se como estratégico a dinâmica de trabalhos em grupo, a construção de acordos e o uso de ferramentas digitais para a animação dos envolvidos.

Os **trabalhos em grupo** empregaram as capacidades e expertise do Comitê Gestor, dos conferencistas convidados e dos **117 participantes** de 11 estados brasileiros¹ e o Distrito Federal. Participaram, desses momentos, **agricultores familiares, assessores técnicos, agentes comunitários de saúde, extensionistas, pesquisadores, estudantes e profissionais de áreas interdisciplinares**. A **construção de acordos** foi alcançada por meio de **reuniões virtuais** e **comunicação contínua** entre membros do Comitê Gestor e participantes.

Antes do evento, foram realizadas três reuniões institucionais com objetivo de socializar, compartilhar e validar a estrutura geral da organização. Ademais, foi conformado o **Comitê Gestor**, já citado anteriormente, com **técnicos dos projetos territoriais e das organizações parceiras, pesquisadores e técnicos da Embrapa e da Fiocruz**. As reuniões do Comitê Gestor aconteceram semanalmente. Utilizou-se a plataforma digital Google Meets, dois dias antes de cada encontro, para socializar e ajustar as metodologias e o conteúdo, aperfeiçoar a organização, bem como pactuar acordos mútuos, antecipadamente.

No Ciclo de Encontros, o diálogo foi reinventado considerando o atual contexto de isolamento social e a ampla abrangência territorial do Programa InovaSocial. O evento usou diversas **ferramentas digitais (Figura 1)**. Para a **Sala Geral** empregou-se uma sala da plataforma **Zoom** que comportava no máximo 300 pessoas. A sala foi disponibilizada a partir da parceria com uma das organizações que integra uma das redes do Programa InovaSocial. A escolha dessa plataforma baseou-se na facilidade de acesso dos participantes, tanto pelo computador quanto pelo telefone, bem como nas funcionalidades disponíveis de comandos (operacionalização dos microfones, sala de espera, compartilhamento de tela e gerenciamento dos participantes).

Quanto às ações de comunicação, foram elaborados e compartilhados cartazes com a programação dos encontros, notas jornalísticas, resumindo as discussões no

¹ Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Sergipe.

Portal da Embrapa². Foi disponibilizado, ainda, as gravações dos encontros no canal do **Youtube da Embrapa**³; organizou-se uma **agenda semanal do Google** em que se notificava os participantes antecipadamente das reuniões. Por último, coletaram-se informações por meio da ficha de inscrição e das listas de frequência assinadas a cada encontro - via **Google Forms**, para a emissão das declarações de participação,

Além da Sala Geral, foram criadas **salas simultâneas** usando o **Google Meets**, ferramenta gratuita e sem limite de tempo para a realização dos encontros. Essas salas simultâneas foram organizadas e disponibilizadas para os participantes, ao final dos encontros 1, 2 e 3, em grupos de **Whatsapp**, compostos por cerca de 20 pessoas, com o objetivo de promover a aproximação com as diversas realidades locais, o diálogo e a escuta entre os participantes em grupos menores. As discussões e o debate eram motivados por duas ou três perguntas geradoras, diretamente relacionadas ao tema do dia. Essas perguntas eram mencionadas no início do evento e compartilhadas no bate-papo do Zoom e nos grupos de Whatsapp para conhecimento dos participantes. As discussões nas salas simultâneas eram oportunidades para externar e dividir emoções, reflexões, proposições e experiências. Os diálogos duravam cerca de 40 minutos, e o número de participantes oscilou de 5 a 10 pessoas. O mecanismo de criar subgrupos favoreceu e facilitou o contato com alguns participantes para a coleta de informações, fotos e documentos, bem como a organização das apresentações, relativas às discussões ocorridas nesses subgrupos e realizadas ao início do encontro subsequente do Ciclo.

Recorreu-se a outras ferramentas digitais, como o **Mentimeter** e o **Google Forms** para promover enquetes online. Os participantes foram convidados, durante os

² As notas jornalísticas dos encontros estão disponíveis no portal da Embrapa:

1º- <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/56528523/ciclo-de-encontros-debate-articulacao-entre-seguranca-alimentar-e-enfrentamento-a-covid-19>;

2º- <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/56713520/ciclo-traz-debate-sobre-seguranca-alimentar-nutricional-e-comercializacao-de-produtos>;

3º- <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/56901129/encontro-debate-vigilancia-popular-em-saude-no-espaco-rural>;

4º- <https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias/-/noticia/57435438/ciclo-de-encontros-reforca-relacao-entre-saude-e-seguranca-alimentar-para-sustentabilidade>

³ As gravações dos encontros estão disponíveis no Canal de Youtube da Embrapa:

1º- <https://youtu.be/iCxuR5CfWAo>; 2º- <https://youtu.be/cOT9wGdIFVU>; 3º- <https://youtu.be/uOtWEmdWTCg>; 4º- <https://youtu.be/ozOYtOXVWGY>.

encontros, a participar dessas enquetes, que permaneceram abertas durante todo o Ciclo de Encontros, registrando suas respostas em relação às orientações de cuidado em saúde, às estratégias de segurança alimentar e nutricional e às barreiras sanitárias múltiplas nas suas comunidades. As respostas eram compartilhadas na abertura dos encontros de forma simplificada. Todos foram informados que a participação era voluntária, anônima e não remunerada.



Figura 1. Ferramentas digitais empregadas

O primeiro encontro abordou as estratégias de enfrentamento da pandemia, adotadas por cada um dos territórios à luz dos desdobramentos da crise sanitária e da correlação entre os seus efeitos diretos e indiretos, bem como das reflexões sobre a organização e possíveis saídas comunitárias para a crise. O segundo encontro tratou da segurança alimentar e nutricional e da circulação de produtos, oferecendo especial atenção à promoção e à vigilância popular em saúde em tempos de pandemia. O terceiro promoveu o intercâmbio de experiências de resistência à pandemia e o estabelecimento de protocolos com base na construção de barreiras sanitárias múltiplas. O quarto e último, abordou as percepções dos participantes quanto às estratégias identificadas, às aprendizagens alcançadas durante o Ciclo de Encontros e às perspectivas e caminhos futuros a serem adotados. Durante a pandemia de Covid-19, essas temáticas revestiram-se de maior importância, abrindo oportunidade para uma atuação conjunta e um alinhamento de ações institucionais, entre Embrapa e Fiocruz; e, especificamente, entre os técnicos dos projetos do Programa InovaSocial e os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs).

Este documento divide-se em **treze capítulos**. O **primeiro** corresponde a introdução e metodologia. O **segundo capítulo** contextualiza as ações do Programa InovaSocial. O **terceiro capítulo** aproxima a visão técnica e científica da vivência cotidiana das famílias no campo e de seus conhecimentos. Os **seguintes cinco capítulos**

sistemizam os tópicos abordados pelos conferencistas em diálogo com os resultados das enquetes aplicadas. O **nono capítulo** apresenta as reflexões, compartilhamentos e aprendizados dos subgrupos de trabalho. O **décimo capítulo** apresenta algumas inovações sociais compartilhadas durante o Ciclo. O **decimo primeiro capítulo** corresponde à mensagem de fim de ano. Finalmente, o capítulo **considerações finais e perspectivas futuras** sistematiza as conclusões deste documento, destacando os aprendizados e recomendações para ações contínuas no contexto pandêmico e pós-pandêmico. O **Anexo de Mensagem de Fim de Ano 2020** é um dos resultados do diálogo e uma construção coletiva das reflexões do Ciclo de Encontros. Esta sistematização será divulgada como publicação eletrônica e documento técnico pela Fiocruz e a Embrapa, respectivamente, e uma versão complementar deste documento também estará disponível em língua espanhola.

TEXTO TEM CONTEXTO E AS PALAVRAS TÊM HISTÓRIA

Este documento é fruto de uma **construção coletiva, tecida a várias mãos**. De acordo com o dicionário Houaiss, a **origem etimológica** da palavra texto vem do latim *tēxo, is, xui, xtum, ěre*. Tecer, fazer tecido; entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando, aplicado também às coisas do espírito. Este documento é, portanto, um **entrelaçamento de palavras, experiências, relações, reflexões, ideias e sentimentos** que, juntos, produzem sentido ao **processo saúde-doença-cuidado**.

Contextualizando as ações do Programa InovaSocial.

O Tear inovador: construindo laços, tecendo narrativas e comunicando realidades

O enfoque único na temática da transferência de tecnologia tem sido ineficiente para a transformação das realidades das famílias agricultoras; enquanto a inovação social, como uma **abordagem de co-criação junto aos agricultores familiares e aos técnicos e profissionais envolvidos**, apresenta-se como uma ferramenta efetiva para superar desafios em contextos particulares. A pandemia colocou diante de todos um enorme desafio: uma situação de múltiplas crises – sanitária, socioeconômica e ambiental –, marcadas pelas desigualdades, pela ameaça da insegurança alimentar e, ainda, pela possibilidade de retorno do país ao Mapa da Fome que até há pouco parecia uma realidade superada. Este contexto demanda ações emergenciais, com a proposição e a adoção de políticas públicas e formas ativas de governança territorial participativa, à luz das necessidades e demandas de cada território.

O Programa de Apoio à Inovação Social e ao Desenvolvimento Territorial Sustentável – Programa InovaSocial é fruto de uma parceria entre a Embrapa, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e diversas organizações de agricultores e de outros segmentos da sociedade civil. O Programa visa a promover a inserção social e produtiva de agricultores familiares, mediante o fortalecimento de Sistemas Agroalimentares Localizados (SIALs). Abrange 171 municípios em 8 estados diferentes e beneficia 4.989 famílias. Os objetivos indiretos da iniciativa estão relacionados à superação das condições de vulnerabilidade econômica e de insegurança alimentar e nutricional. Especificamente, pretende-se alcançar o desenvolvimento social, econômico e ambiental. A confiança, a ajuda mútua e as relações de solidariedade entre diferentes atores, nos territórios, são princípios norteadores do Programa que é concebido como um laboratório social de construção e de aperfeiçoamento metodológico.

As metodologias propostas para a co-criação de estratégias e ativos pretendem contribuir para a mudança das realidades locais, construindo e disponibilizando tecnologias coletivas com impacto social. Isso se verifica por meio de processos

organizativos que têm por base as trajetórias e os conhecimentos acumulados pelas pessoas que, por sua vez, encontram-se inseridas em redes sociotécnicas territoriais. Essas metodologias participativas, que envolvem escuta, diálogo e sistematização de relatos, servem para identificar necessidades, gargalos, oportunidades e potencialidades, bem como recursos físicos e capacidades humanas endógenas; e, assim, permitir a criação de novas práticas e a promoção de soluções sustentáveis.


Dessa forma, as ações dos seis projetos territoriais visam à qualificação da pecuária leiteira e de corte e seus derivados (**Objetivo Componente 1:** InovaCapri PB/PE, Inova Inhamuns e SIAL Alto Camaquã) e o resgate de sementes crioulas de hortaliças e grãos (**Objetivo Componente 2:** Agrobiodiversidade do Semiárido, AgrobioCerrados e Inova Sementes Sul) para a produção, autoconsumo, distribuição e comercialização, com o desenvolvimento de marcas coletivas e a construção de mercados diferenciados (**Tabela 1**), enquanto o Projeto Governança do Programa tem como objetivo sistematizar e compartilhar conhecimentos e tecnologias.

Tabela 1. Organização do Programa InovaSocial

Nome	Região de abrangência	# famílias	Tipo de organização e Potencialidades	
InovaCapri PB/PE	Cariris Paraibanos, Agrestes Central/Meridional e Sertões de Pajeú/Moxotó Pernambucanos	400	2 associações e 2 cooperativas: Produção de derivados do leite caprino	
Inova Inhamuns	Sertão dos Inhamuns (CE)	468	28 associações comunitárias, integradas em 3 cooperativas: carne e derivados de caprinos e ovinos	Carne e derivados de caprinos e ovinos
SIAL Alto Camaquã	Alto Camaquã (RS)	450	17 associações comunitárias, integradas em 2 associações e 1 cooperativa	
Agrobiodiversidade do Semiárido	7 territórios de 5 estados nordestinos	2771	7 organizações: Organização coletiva das casas de sementes	
Agrobio Cerrados	Goiás (GO)	200	1 central de associações: Fortalecimento das Unidades de Beneficiamento de Sementes e de subprodutos agroecológicos	
Inova Sementes Sul	Regiões Sul de Campanha, Central e Noroeste (RS)	700	2 cooperativas: Sementes agroecológicas, crioulas e orgânicas	

Durante a pandemia, o trabalho de campo se desenvolveu no âmbito de projetos territoriais que colocaram em prática recomendações de cuidado em saúde, seguindo documentos, informações oficiais e aprendizados, a partir das experiências e das diversas realidades locais (**Tabela 2**).

Tabela 2. Recomendações de cuidados em saúde durante a pandemia.

Antes	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicar-se antecipadamente com a equipe e as famílias envolvidas. • Verificar se alguém teve sintomas e/ou foi testado positivo, bem como se teve contato com pessoas com sintomas e/ou testadas positivo. • Confirmar que todos completaram os períodos de quarentena. • Os técnicos, em comum acordo, podem realizar o teste. 	<p>Não se esqueça de levar:</p>	<p>Máscaras (EPI) Álcool/Álcool gel 70% Sabão líquido Protetor facial transparente Uniformes (coletes, jalecos) Aventais Gorros Luvas Guardanapos ou papel toalha pessoais</p> <p>Pastas, pranchetas e materiais de papelaria individuais Borrifadores Uniformes (coletes, jalecos) Óculos Equipamentos para coleta de amostras</p> <p>Preferível, veículo próprio Embalagens plásticas (sacos) para material descartável Para pernoite (lençol, cobertor de colchão, fronha e toalha) Panos Perfex para higienização de superfícies Termômetro pessoal</p> 
Atenção	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer deslocamentos a campo em veículos, transportando o menor número de pessoas possível, todos usando máscaras permanentemente, sem a utilização de ar-condicionado e com os vidros abertos. No desembarque do veículo, desinfetar seus elementos de trabalho. Durante o desenvolvimento dos trabalhos, empregar espaços arejados e manter o distanciamento físico entre pessoas de 2 metros. Aplicar as recomendações fora do trabalho e comunicar as estratégias de conscientização sobre as orientações de cuidado coletivo. 		
Frequentemente	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar o boletim epidemiológico de Covid-19. • Conhecer e aplicar as diretrizes de saúde pública. • Limpar e higienizar o veículo (chaves, mãos, calçados, bancos, cinto, volante e cambio de marcha). • Evitar contato com superfícies. • Usar o princípio da precaução. • Nunca levar as mãos ao rosto, não tocar narinas, boca nem olhos. • Evitar as saudações com aperto de mãos, abraço ou beijo. • Higienizar sempre as mesas, cadeiras, teclados, maçanetas e botões, bem como pratos, bandeja, talheres, saleiro, açucareiro, paliteiro, porta guardanapos e demais utensílios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Fora de casa, só tirar a máscara para comer ou beber água. • Adotar os protocolos sanitários permanentemente. • Manter o isolamento social, evitar locais fechados e dar preferência a locais abertos. • Evitar o uso de ar-condicionado em lugares fechados. • Planejar e executar ações conjuntas com os agentes de saúde nas comunidades. • Incentivar a comunicação e o compartilhamento de informações com as famílias sobre o consumo consciente, bem-estar social e o cuidado com os quintais. 	
Durante o campo	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar máscaras faciais e escudo de proteção para aquelas pessoas que irão colaborar no trabalho. • Fornecer álcool gel, sabonete líquido e toalhas de papel descartáveis para as famílias visitadas. • Conversar sobre o uso da máscara com as famílias (e solicitar seu uso). • Higienizar os materiais de trabalho na presença do agricultor. • Descartar os materiais de proteção depois de cada visita dentro de um saco de lixo que deve ser levado no bagageiro do carro. • Substituir os materiais de proteção utilizados por novos, sempre que necessário. • Reforçar a necessidade de seguir o protocolo sanitário definido. • Evitar a execução das atividades dentro da residência e/ou mesmo em local fechado. • Utilizar locais abertos, varandas, alpendres e/ou mesmo à sombra de uma árvore. • Agradecer, mas não aceitar comidas nem bebidas, consumir apenas os próprios alimentos, preferencialmente saudáveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Disponibilizar tapetes higiênicos (água sanitária) ou calçar propés em caso de necessidade de entrar em ambiente fechado. • Não compartilhar o telefone. • Ao voltar do campo, sempre realizar higiene completa. • Não utilizar banheiros nas residências ou associações visitadas. • Distribuir kits de material didático para as famílias. • Sugerir a inclusão (de dados móveis) para pessoas que têm acesso restrito à Internet para desenvolvimento de atividades. • As atividades coletivas presenciais, caso sejam imprescindíveis, devem ser realizadas em lugar com boa ventilação, utilizando-se EPIS e com tempo e público reduzidos. • Fornecer cartazes, vídeos e quadros de mensagens eletrônicas que fomentem a conscientização acerca da importância do cuidado coletivo. • Manter assessoria online para as pessoas enquadradas nos grupos de risco. • Os técnicos, em comum acordo, podem realizar teste após dez dias do retorno do campo. 	

Tecendo ações para a vida, tendo por base os princípios do Programa.

Promover uma aproximação com as vozes de solidariedade, interdependência, ação coletiva e redes sociotécnicas, no atual contexto pandêmico.

Durante os encontros, verificou-se valiosa interação e trocas entre palestrantes e participantes. Esses intercâmbios se verificaram a partir da realização de rodas de saberes e de compartilhamento de experiências, o que aproximou a visão técnica e científica da vivência cotidiana das famílias no campo e de seus conhecimentos. Nesta seção, sistematizam-se algumas **reflexões relevantes acerca do vínculo da agricultura familiar e da agroecologia com a da vigilância popular em saúde.**

A pandemia de Covid-19 não se encerrará com a vacina. Conviveremos com formas endêmicas da doença, bem como com seus impactos socioeconômicos que se prolongarão no período pós-pandêmico. Estamos diante de um problema que é fruto de modos de vida insustentáveis e de relações de uso assimétricas que se estabeleceram entre os seres humanos e a natureza. Neste momento, vislumbra-se como possibilidade de enfrentamento a formação de parcerias. É inconcebível pensar em resolver os problemas a partir de uma ação única e linear, com enfoque pontual ou com perspectivas centralizadas. Será necessário investir em uma ampla concertação, em que se concebam ações interdisciplinares, intersetoriais e coletivas. Em 2020, a pandemia afetou de forma dramática as condições de vida, a situação de saúde dos territórios, a proximidade entre as famílias, sua saúde emocional e as atividades em campo.

Os territórios são afetados de formas distintas pela pandemia. Esta, por sua vez, encontra-se em estágios diferentes em cada localidade e é extremamente dinâmica no espaço e no tempo. Demanda constante monitoramento e vigilância, o que pode significar mudanças incrementais nos cursos de ação; e, portanto, exigir especial atenção para seus desdobramentos e nuances. Na região do semiárido nordestino, antes da pandemia a expectativa era de maior produção no ano de 2020, em função do volume de chuvas nos meses anteriores frente ao vivido por anos subsequentes de seca. No Sul do país, a pandemia chegou no período de secas, a mais cruel em 70 anos.

Foram identificados, em todo o país, fenômenos como **a alta nos preços dos insumos e o encarecimento dos alimentos e do custo de vida**, influenciados pela desvalorização do real perante o dólar. Ademais, **a crise sanitária intensificou o isolamento social das comunidades do campo**, que já se encontram, muitas vezes, isoladas pela precariedade dos serviços públicos e, em alguns casos, pela inexistência de sistemas de comunicação. Esses fenômenos têm levado à **procura por recursos endógenos**, nas próprias comunidades, para **aumentar sua autonomia e reduzir a dependência** de alguns insumos agropecuários e alimentos. O **uso das redes sociais e da Internet** foi uma alternativa importante para as famílias tanto em termos de conexão social e contato com familiares e amigos, como para comercializar seus produtos e a impulsionar a utilização dessas redes como ferramenta educativa. Ao se conhecer a experiência do Grupo Florescer Agroecológico, do município de Paraíso do Sul-RS, que organizou a reabertura de feiras e um sistema de entregas domiciliares, constatou-se um ganho de aprendizagem quanto ao uso das tecnologias no meio rural. Há, no entanto, entre os agricultores, uma reclamação recorrente e pertinente que se refere à carência de infraestrutura de comunicação nos territórios, o que dificultaria ações semelhantes em algumas localidades.

Em resumo, os diálogos durante os encontros e dentro dos subgrupos de trabalho indicaram os seguintes desafios:

- Falsa sensação de segurança do meio rural por estar mais isolado dos grandes centros de contaminação pela Covi-19.
- No meio rural é menor o acesso a políticas públicas, serviços e o atendimento público em saúde é ainda precário.
- Necessidade de melhoria da internet rural e aumento do uso para escoar a produção no período de pandemia.
- Necessidade de um maior diálogo de conhecimento, como por exemplo sobre medicina preventiva.
- Crise econômica e ambiental (seca em muitas regiões).
- Alta nos preços dos insumos e o encarecimento dos alimentos e do custo de vida.
- Grande sentimento de medo que afetou às famílias agricultoras e aos técnicos, bem como intensificou o isolamento social das comunidades do campo.
- Procura e implementação de estratégias que integrem saúde, agricultura, agroecologia e alimentação, como as desenvolvidas no Programa InovaSocial em redes sociotécnicas com agentes e instituições da saúde.

Ainda assim, os agricultores demonstraram sua capacidade criativa, de resistência e combatividade ao novo coronavírus e aos seus efeitos. Nesse contexto, ficou evidente que ações conjuntas têm enorme potencial para superar, transcender o limite local e transformar o atual cenário de turbulência e crise. Na verdade, essas ações inspiram a construção de acordos e a adaptação de processos e procedimentos, tendo em conta as novas realidades e incertezas do meio rural e dos consumidores urbanos. **O caminho dos alimentos saudáveis para a saúde** já vinha sendo reconhecido como importante no combate à hipertensão, diabetes, entre outras, como as doenças correlacionadas ao uso de agrotóxicos e à produção e consumo de alimentos ultraprocessados.

Com o advento da crise sanitária, esse caminho se **torna prioritário, uma vez que também pode servir como barreira sanitária** contra a propagação do coronavírus. A pandemia, como grande experimento social, acabou legitimando os princípios do Programa InovaSocial e evidenciando sua importância. Entre esses princípios, pode-se citar: a solidariedade, a interdependência, a ação coletiva e o fortalecimento das redes sociotécnicas.

Nota-se que a execução das ações, conforme o preconizado no Programa, traz consigo um potencial no que se refere ao enfrentamento da pandemia. Isso porque essas ações fortalecem o uso e a gestão dos recursos genéticos tradicionais, a conservação de sementes crioulas, a garantia da segurança alimentar e nutricional dos agricultores e consumidores, o melhoramento das condições socioeconômicas das famílias e o uso sustentável dos recursos naturais, estando intimamente relacionadas à saúde humana, em suas diversas dimensões, como ressalta Bruno Silva da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semiárido (Refaisa):

Cordel

“Peço licença para me apresentar, meu nome é REFAISA, e agora eu vou falar...
do projeto de ação que contempla a organização das ervas, e a agricultura familiar.
Os envolvidos no projeto, são dedicados e atentos,
no campo fazem revolução e a produção de alimentos.
Quem cultiva sempre tem, preste atenção você também...
ao que refere esse fomento.
O projeto é sobre o SAFs*, um sistema de verdade
Os alimentos produzidos vão para o campo e pra cidade.
Relaciona plantação e floresta, a criação e a solidariedade.
O projeto é realizado pelo AKSAAM e pelo FIDA, IPPDS, FUNARBE, UFV e pelo IRPAA,
que são parceiros da REFAISA, e andam de mãos atadas sempre firmes e unidas.
Falar do sistema agroflorestal nos enche de emoção,
ver o sistema funcionando garante a preservação.
Cuidando dos recursos naturais e sem danos ambientais produzindo alimentação.
Acho que vou parar por aqui, mas antes quero dizer que você pode produzir
Então planeje em SAF e plante na propriedade para a natureza sorrir.”
Este Cordel será publicado na cartilha elaborada pela REFAISA (Bruno Silva). *SAFs são
sistemas agroflorestais

No atual contexto pandêmico, a **construção de políticas públicas** para a agricultura familiar e a **consolidação de parcerias estratégicas entre as organizações da sociedade civil e o Estado** se tornam ainda mais relevantes. O Estado tem um papel fundamental e intransferível na regulação, fomento e manutenção dos processos do setor agropecuário. A **comercialização de alimentos e o acesso a mercado são, no entanto, os maiores gargalos para a coordenação de ações e o compartilhamento de ganhos no setor**. A dificuldade de comercialização acentua-se pelas modificações por que passaram programas e políticas públicas. Por um lado, esses programas e políticas foram retirados, reduzidos ou suspensos; por outro, está em curso uma mudança conceitual que visa a incentivar ainda mais o agronegócio.

O desmonte das ações de assistência técnica e a interrupção de chamadas públicas para a compra de sementes e alimentos da agricultura familiar – fundamentados em um modelo inovador de política pública – induziram a uma desaceleração dos processos produtivos, a uma redução da quantidade produzida de alimentos e a uma queda significativa da renda das famílias agricultoras.

No início da pandemia, **as restrições de mobilidade dos agricultores para as cidades capitais** ocasionaram dificuldades para escoar a produção levando a uma maior oferta dos produtos agrícolas nos seus locais de origem, seguido de uma inflação acelerada dos preços dos alimentos e bebidas no fim de 2020 em nível nacional.

As ações do Estado e da sociedade civil devem regular os sistemas agroalimentares fortalecendo os que ampliam as capacidades e os direitos sociais, o cuidado ambiental e que geram renda. Urge a necessidade de desenhar e implementar mecanismos de comercialização que fomentem e fortaleçam as organizações da agricultura familiar e ao alimento como expressão de cultura, identidades, valores e relações. Um exemplo desses mecanismos é a compra direta, promovida no âmbito dos programas de alimentação pública. É evidente que o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) são ferramentas potenciais para a comercialização de gêneros produzidos pela agricultura familiar, ainda que contem com orçamentos reduzidos.

Diante da crise sanitária e da urgência do cenário atual, é preciso garantir que os efeitos positivos dessas ações cheguem às pessoas que de fato mais precisam e no tempo em que precisam. Além de políticas nacionais faz-se importante também ações territoriais que, somados às iniciativas nacionais, aumentam a capacidade de resultados prósperos para seus beneficiários como observamos com o Programa Um Milhão de Cisternas ou mesmo com o Programa de Casa de Sementes desenvolvido por ações governamentais, entidades da sociedade civil ligadas à articulação do semiárido (ASA Brasil) e o BNDES. Estas ações resultaram na **redução da insegurança hídricas e alimentar no semiárido Brasileiro**.

No Brasil, a partir de meados do ano de 2020, a interiorização da pandemia determinou uma rotinização da crise sanitária, na medida em que as comunidades passaram a se habituar aos efeitos da doença. Isso, em consequência, significou um aumento no número de casos. Dessa forma, as equipes precisaram manter constante a reflexão acerca de novas estratégias para o trabalho de campo.

Vale ressaltar que **as pessoas não fazem suas reflexões da pandemia somente a partir da racionalidade técnico científica**. Há outros elementos a serem considerados, os aspectos místicos, perspectivas de vida, laços de confiança entre informantes e diversas outras complementaridades que promovem sinergias entre as diversas narrativas em questão. Por exemplo, está em curso uma pandemia de *fake news* que tem alimentado movimentos negacionistas não apenas à pandemia em si, mas sobretudo ao seu enfrentamento. Em primeiro lugar, a solução é clara: a defesa veemente da verdade e da vida e a transmissão de informações autênticas, a partir de fontes confiáveis. Informações estas construídas a partir do que o mundo está vivendo concretamente, bem como os avanços científicos conquistados até então. Nesse

sentido, a **pedagogia do cuidado** revela-se como um trabalho de resiliência, de acolhimento e de convencimento, cujos resultados são qualitativos e imensuráveis em termos quantitativos.

No que se refere à execução das ações de enfrentamento Pós-ciclo de Encontros, precisa do trabalho conjunto entre **técnicos de diversas instituições e outros atores de extrema relevância como os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e os Agentes de Combate às Endemias (ACEs)**. É por isso que se faz essencial considerar a **articulação entre os agentes públicos e os atores sociais, por meio da integração da Estratégia da Saúde da Família e da Vigilância em Saúde**.

Nos municípios, a atuação dos ACSs e dos ACEs tem amplo alcance, uma vez que têm acesso a todas as residências e, também, a capacidade de identificar as pessoas doentes e as residências que têm dificuldade de acesso à água, às medidas protetivas e aos serviços básicos de saúde. Por isso é indispensável integrar conhecimento e saberes no território, por meio do diálogo com a comunidade, da integração das ações e da complementariedade intersectorial.

Como exemplos desse tipo de iniciativas, podem-se citar as experiências no Rio Grande do Norte de produção e distribuição de plantas medicinais fitoterápicas para auxiliar no tratamento de várias doenças; ou de fornecimento de assistência técnica para o plantio de hortas domésticas e quintais produtivos, visando à melhoria do acesso à alimentação saudável. Os vínculos que os técnicos criam nos territórios com as famílias permitem estabelecer uma relação de confiança que pode ser acionada para diversos fins. É importante lembrar que essa relação de **confiança deve ser construída por intermédio da pedagogia do cuidado e do trabalho, determinantes para a promoção da saúde**.

A pandemia levou a equipe do Programa InovaSocial ao planejamento de novos procedimentos para a execução das atividades. Primeiro, houve **remodelagem das atividades e das estratégias**, restringindo na medida do possível as atividades coletivas e realizando reuniões, capacitações e intercâmbios de forma virtual. Mesmo nos contextos das zonas rurais, onde os agricultores não têm sinal de internet, as comunidades empregam o *Whatsapp* e outras redes sociais como formas de comunicação e organização. Segundo, **fortaleceu-se a comunicação e a construção de acordos diretamente com as famílias**, obtendo a autorização e o consentimento antes de qualquer visita. Durante a visita, além do uso das máscaras e da contínua desinfecção

das mãos, sapatos e veículos com álcool, os técnicos passaram a não entrar nas residências dos agricultores, permanecendo sempre em área ventilada e aberta.

Algumas equipes relataram trabalhos de comunicação prévios às visitas de campo, esclarecendo quanto às mudanças de procedimento dos técnicos; e, também, a reserva de um momento, no início das atividades, para um trabalho de conscientização. As tecnologias da informação também foram utilizadas para apoiar a realização de atividades dos ciclos de comercialização e de organização das entregas em domicílio. Em cada território, medidas complementares foram implementadas conforme o contexto e a necessidade.

Terceiro, **optou-se pela ampla difusão e aplicação dos protocolos de cuidado em saúde**, produzindo e compartilhando vídeos, cartilhas e publicações do Programa e informações sobre a prevenção da transmissão do novo coronavírus. No início, os agricultores estranharam os novos protocolos, o que foi superado por meio do diálogo e da conscientização; minimizando, assim, os riscos de transmissão para a equipe e os agricultores. Também, priorizaram-se ações educativas, com linguagem acessível e bem humorada, utilizando-se redes sociais e rádios.

Não há um roteiro único, mas a contínua atualização de cuidados em saúde, inclusive aqueles que ainda não foram identificados. Cada território é educador e mostra suas fragilidades e potencialidades. É necessário superar a atuação baseada única e exclusivamente em protocolos sobre o que se deve ou não fazer em campo, a fim de se constituir uma visão relacionada à prática do cuidado e de se abrir a possibilidade de renovação das formas de atuação tradicionais. **O desafio é fazer o “deslocamento” (reaplicação) das experiências e soluções dentro dos mesmos territórios e caminhar para um “modelo da saúde”, no qual a prevenção seja de fato a estratégia válida.**

Há um enorme potencial de aprendizado conjunto na busca por soluções para esta situação adversa em que o mundo se encontra. Os agricultores familiares demonstraram ter sabedoria, generosidade, criatividade, além de serem parceiros incontestes nessa busca. Para os técnicos do Programa InovaSocial, o Ciclo de Encontros representou uma oportunidade valiosa de ter contato com leituras diversas sobre os temas da saúde e de superar a visão dos protocolos, a fim de se adotar a prática do cuidado pessoal, coletivo e territorial.

A pedagogia do cuidado pressupõe que essas considerações e aprendizados continuem reverberando nos territórios de abrangência dos projetos do Programa.

Afinal, as ações de vigilância são contínuas, como lembra Maria do Socorro Mendes Galindo da Cooperativa de Beneficiamento do Leite em Lage do Carrapicho (Coobellac), cooperativa parceira do Projeto Caprinos-Ovinos Paraíba e Pernambuco, em Alagoinha/PE.

POEMA

Autora: Maria do Socorro
Mendes Galindo

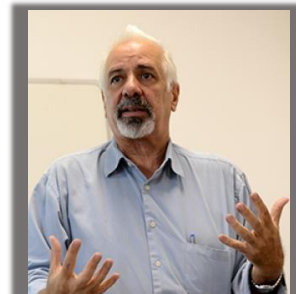
O Programa InovaSocial
Promovendo o bem estar do
agricultor
Conhecendo a vivência da
comunidade
Para atribuir valor ao produtor!

Orientando e qualificando o
agricultor
Formando parceria especial
Com ação e promoção da Saúde
Assim é o Programa InovaSocial!

Vigilância popular em saúde: da pedagogia da doença para a pedagogia do cuidado

Jorge Mesquita Huet Machado

Coordenador do Programa de Promoção da Saúde, Ambiente e Trabalho da Fiocruz Brasília



A vida e as atividades no campo e nas cidades simplesmente não param, apesar de a pandemia estar reestruturando várias lógicas relacionadas à circulação dos alimentos. Nesse contexto de crise sanitária, o **Sistema Único de Saúde (SUS)** adquiriu um significado ainda maior, tendo-se em conta a importância para o enfrentamento da Covid 19 da atenção primária e da vigilância epidemiológica coletiva e familiar.

Ao expor fragilidades e potencialidades, a pandemia traz consigo o desafio de se repensarem comportamentos e práticas – seja no trabalho ou na vida cotidiana –, exigindo a integração de esforços necessários à promoção em saúde, à organização coletiva e à estruturação social das famílias. **A relação entre saúde e alimentação é uma força de reordenamento da sociedade.** A qualidade dos serviços de atenção, oferecidos pelos sistemas de saúde, a garantia do exercício de direitos e da satisfação das necessidades humanas; bem como a produção, o acesso, a distribuição e o consumo de alimentos saudáveis e de qualidade tornam-se, então, temas prioritários.

Aprender a simbologia dos Caminhos das Águas, visto como elemento central para a organização da vida das pessoas no campo, foi um dos grandes aprendizados do Ciclo de Encontros Virtuais, organizado pela Articulação do Semiárido (ASA), entre agosto e setembro de 2020. **Os Caminhos dos Alimentos nos territórios, por sua vez, tornam-se a base de uma política pública intersetorial para a promoção em saúde,** ensinando que é indispensável fomentar espaços de interação, integração e sistematização de saberes dos agricultores familiares, de assistência técnica e de extensão rural, envolvendo também profissionais da saúde e a academia. Dessa forma, pode-se afirmar que se trata de insumos básicos para a construção de políticas públicas tanto no contexto pandêmico, quanto – e principalmente – no pós-pandêmico.

A vigilância popular em saúde é o conjunto de ações de cuidado integral, previstas, organizadas e sistematizadas, tendo por base os conhecimentos e práticas originárias dos territórios e que podem conduzir a inovações sociais. Essas, aliás, são metabolizadas e reconstruídas de forma contínua com o objetivo de reforçar a promoção e a prevenção em saúde. Dessa forma, o sentido da vigilância popular em saúde é direcionar os esforços intersetoriais em contextos sociais próprios e diferenciados, para evitar o enfraquecimento e a deterioração do SUS e, conseqüentemente, para fomentar o bem estar da sociedade.

Assim, a vigilância popular em saúde é composta por dez diretrizes básicas (**Figura 2**) e é concebida a partir de uma **epidemiologia situada** que consiste em relacionar os dados (tendências) a um determinado grupo de pessoas, num lugar específico, levando em consideração suas dinâmicas de vida e de trabalho. Essas dinâmicas são vivenciadas no território e captá-las dependerá de **processos de mediação, formação e ação**, relativos aos desdobramentos do cotidiano. Tais fluxos devem ser continuamente ressignificados em múltiplos espaços pedagógicos, organizados por vários componentes envolvidos nas ações, por pessoas com diferentes capacidades e recursos.

Conclui-se que a **vigilância popular em saúde** se constitui fundamentalmente a partir do desdobramento mais atual da pandemia e inclui as potencialidades das ações das pessoas, as diversas funções de prevenção e as restrições impostas pelos contextos em constante movimento. Desse modo, **as estratégias para a vigilância popular em saúde** incluem: a participação, a conexão, a promoção da saúde e a perspectiva de territórios saudáveis e sustentáveis. A **participação** acontece por meio das construções e disputas de narrativas, características da sociedade da informação. Essas narrativas têm a capacidade de **fazer conexões** em múltiplas dimensões, entre indivíduos, famílias, casas, quintais, territórios, municípios e regiões, bem como gerar interação e fluxo de informações em redes temáticas. A **promoção de saúde** configura um conjunto de ações intersetoriais múltiplas que perpassam campos como a agricultura, a alimentação e o bem estar das famílias. A **construção de territórios saudáveis e sustentáveis** é resultado da integração de políticas públicas, a partir da ação da sociedade e dos agentes institucionais, sociais e comunitários. **Assim, a execução da vigilância popular em saúde** depende de esforços múltiplos, por meio da **comunicação de narrativas intersetoriais e territoriais** e do **cuidado integral**, especialmente com as pessoas mais vulneráveis. Isso envolve a garantia e o acesso a serviços essenciais como saúde, saneamento, transporte

e alimentação. O exercício da prática de prevenção se opera pela transição do “**saber o que fazer**”, para o “**saber como fazer**”, agindo mesmo em situações de incertezas.



Figura 2. Sistematização dos Dez Mandamentos da Vigilância Popular em Saúde.

Durante o Ciclo de Encontros, empregou-se a ferramenta do **Mentimeter**, que permitiu consultar as percepções de **19 participantes**, quantificando em uma escala de 0 a 3 o quão fácil ou difícil era executar as orientações, estratégias e ações discutidas no encontro (**Figura 3**).

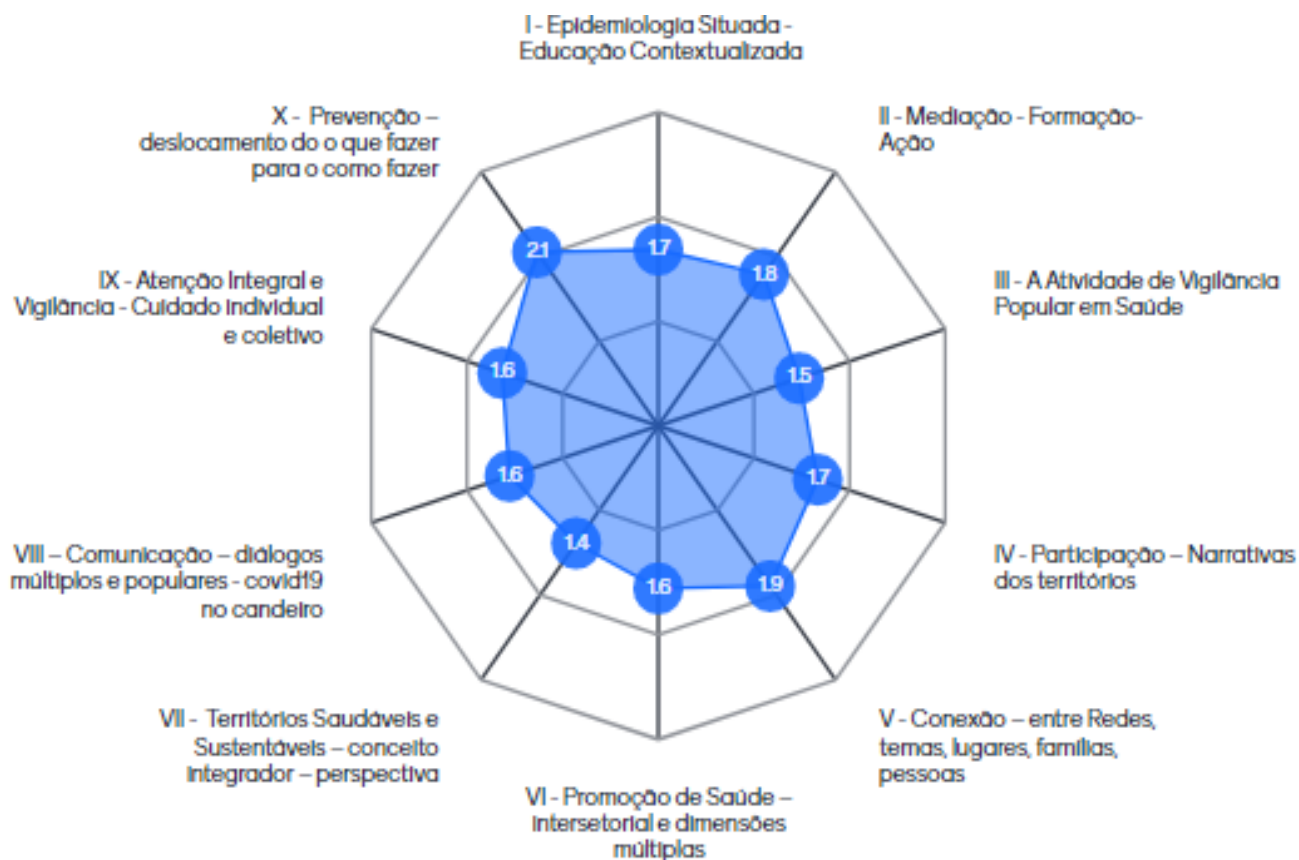


Figura 3. Escala do grau de dificuldade de implementar as orientações de vigilância popular em saúde.

A Figura 3 apresenta uma homogeneidade na aplicação das prescrições dos Dez Mandamentos da Vigilância Popular em Saúde, com uma variação da aplicabilidade entre 1.4 e 2.1, em uma escala de 0 – 3; ou seja, uma tendência de média para alta aplicabilidade. Por um lado, no extremo de maior facilidade 2.1, aparece o deslocamento “**do que fazer**” para “**o como fazer**”, como executar as recomendações. É a praticidade em foco. Por outro lado, no extremo de dificuldade, é apontada a **abordagem conceitual de territórios saudáveis e sustentáveis**. Reconhece-se a dificuldade de aplicação desse conceito e de sua apropriação teórica.

Os participantes, quando indagados sobre as dificuldades que enfrentaram para pôr em prática essas orientações, identificaram, principalmente, a falta de comunicação e de compartilhamento de conhecimentos como fatores de desinformação (**Figura 4**).



Figura 4. Dificuldades e desafios identificados pelos participantes.

Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional – A fome no Brasil, Políticas Públicas e estratégias de enfrentamento

Elisabetta Gioconda Iole Giovanna Recine
Docente e Coordenadora do Observatório
de Políticas de Segurança Alimentar e Nutrição
Universidade de Brasília (UnB).



Os conceitos de **Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)** e de **Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)** estão articulados e são reconhecidos por quadros normativos, construídos a partir de **demandas históricas** dos movimentos sociais e da sociedade civil em diferentes países, inclusive no Brasil. Essas demandas estão relacionadas ao acesso, uso e posse da terra, das sementes e dos bens naturais, bem como ao acesso à alimentação, entre outros aspectos. É importante ressaltar que a alimentação é expressão de **cultura, valores e identidades** e que é cada vez mais urgente viabilizá-la e garanti-la a partir dos princípios de **sustentabilidade ambiental, cultural, econômica e social**. A SAN operacionaliza o DHAA, para garantir que ninguém passe fome e que todos tenham acesso a uma alimentação adequada e saudável. Assim, o DHAA não é uma utopia e, sim, uma **realidade** a ser **permanentemente conquistada** e que nos mantém olhando para um **horizonte comum**.

Entre 2002 e 2014, houve uma redução consistente da pobreza e da extrema pobreza no Brasil, que desde então voltou a crescer. A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2017/18 estima que 22% da renda da parcela mais pobre da população é destinada à compra de comida. O recente aumento da pobreza seguramente representa um aumento da insegurança alimentar leve, moderada e grave⁴ e da fome no Brasil. As **desigualdades de região, gênero e raça** se refletem na

⁴ A insegurança alimentar leve registra a preocupação de que não haja alimento disponível suficiente; enquanto a insegurança alimentar grave identifica que, de fato,

insegurança alimentar, sendo mais críticas nas regiões Norte e Nordeste, entre as famílias onde a pessoa de referência é a mulher e nos domicílios onde a pessoa de referência é negra ou parda.

As famílias adotam estratégias para garantir a alimentação da melhor forma possível, sob condições de graves restrições econômicas, optando pelo **maior consumo dos grupos cereais, leguminosas, farinhas e massas e o menor consumo dos grupos de lácteos, bebidas e infusões**. O quadro é complexo pois também se convive com o **aumento consistente no número de casos de excesso de peso e obesidade**, segundo os dados da mais recente Pesquisa Nacional de Saúde (PNS). Esse fenômeno está vinculado ao aumento do **consumo de alimentos ultraprocessados**, relativamente baratos, com alto conteúdo calórico e não saudáveis. Entre os anos 2014 e 2018, houve um enfraquecimento e uma **redução drástica do orçamento de programas públicos** como o Programa de Aquisição de Alimentos (-62%), a Assistência Técnica de Extensão Rural (ATER) em assentamentos (-99%) e o Fomento de ATER para Agricultura Familiar (-96,07), entre outros; e uma **redução representativa do orçamento público**, especialmente destinado a ações para a garantia de direitos da cidadania.

Apesar do contexto desfavorável, há **respostas da sociedade civil**, que demonstram **processos de esperança e resistência ativa, solidária e coletiva**. Ademais, diante da redução das expectativas de ação na esfera pública federal, **a esfera municipal** coloca-se como um campo estratégico e ganha maior importância nas ações relacionadas à agricultura, à agroecologia, à saúde e à transformação dos sistemas alimentares.

não houve alimento suficiente para garantir que as necessidades alimentares fossem cobertas. Nesse caso, pulam-se refeições ou come-se menos alimentos do que se deveria.

Sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis

Paulo André Niederle

Professor e Coordenador do Programa
de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



A agroecologia de fato assumiu um espaço importante como resposta à pandemia, mas o atual contexto tem que ser analisado com mais cuidado. Tanto **o mercado de alimentos orgânicos**, inclusive em circuitos alternativos, quanto **o sistema agroalimentar dominante cresceram muito durante a pandemia**. Isto é ainda mais preocupante num contexto, como o que se vive, de aumento da **pobreza**, da **fome** e de **crise socioeconômica**, ocasionado pela redução ou pela retirada do auxílio emergencial⁵. Indubitavelmente, esses processos farão com que as pessoas enfrentem o dilema sobre o que consumir e representarão um **espaço oportunístico** para que as empresas de alimentos ultraprocessados ofertem uma **alimentação de péssima qualidade a preços baixos** – o que, definitivamente, irá se acentuar nos próximos meses.

Um setor que vem lucrando muito é o de alimentos ultraprocessados orgânicos. Um exemplo é a expansão da rede Whole Foods que foi adquirida pela Amazon e que se está tornando um dos atores líderes das cadeias agroalimentares. Essa tendência está longe de ser uma contribuição positiva para um ambiente saudável e sustentável e não está em consonância com o estabelecimento de sistemas agroalimentares, agroecológicos e da agricultura familiar. Ademais, **o posicionamento de alguns órgãos públicos** contra o Guia Alimentar Brasileiro, como aquele emitido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), ratifica a mudança de posicionamento do Estado brasileiro no sentido de **autorizar e incentivar o retorno dos ultraprocessados**

⁵ O auxílio emergencial foi instituído, em todo o Brasil, pela Lei de nº 13.982/2020. Previa o repasse de 600 reais mensais a trabalhadores informais e de baixa renda, a microempreendedores individuais (MEI) e, também, a autônomos e a desempregados, a fim de fornecer proteção emergencial, no período de enfrentamento da pandemia de Covid-19.

aos programas de compras e de alimentação pública. As análises sobre a transição agroecológica apontavam para diferentes etapas, começando pelo aumento da eficiência e efetividade das práticas convencionais, substituição dos insumos e práticas convencionais por insumos orgânicos e práticas alternativas, remodelagem e redesenho dos agroecossistemas e finalmente, os novos circuitos de distribuição, trocas e comercialização. No entanto, **a inversão da ordem das etapas e o posicionamento dos circuitos em primeiro lugar**, permitiram evidenciar a forma como impulsionaram significativamente práticas agroecológicas e trouxeram a discussão sobre a importância da constituição de novos circuitos de comercialização para dentro dos movimentos sociais, como ficou evidente a partir das experiências do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e das compras públicas da agricultura familiar pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

O ponto chave é que só se constroem sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis quando se consegue **dialogar com os consumidores, as cidades e os movimentos sociais do meio urbano**. O dilema atual, no contexto da pandemia e do pós-pandemia, é saber **como competir com os gigantes do setor agroalimentar** que estão respaldados pelos investimentos do capital financeiro e serão ainda mais impulsionados pelo *boom* dos preços das *commodities*. Isso porque os investimentos do capital financeiro estão migrando de setores mais arriscados para o setor agroalimentar. Tal fenômeno está causando **problemas gigantescos**, em termos de **espoliação da terra e dos recursos naturais**. **Alguns caminhos** alternativos passam pela **construção de novas coalizões políticas**, a **consolidação de circuitos de abastecimento solidários e colaborativos** e a **constituição de sistemas agroalimentares inovadores**.

Nesse sentido, é importante criar conexões e diálogos mais estreitos entre produtores e consumidores, através de feiras, mercados, dispositivos de venda direta, associações e cooperativas de consumidores e relações com sindicatos de trabalhadores. É necessário pensar como fazer com que o segmento urbano **reconheça as virtudes da agricultura familiar de base ecológica**. Isso inclui ressaltar as qualidades do alimento, bem como as contribuições que esses modos de fazer agricultura trazem para os meios rural e urbano. **Há inúmeros dilemas, tais como: os quadros normativos da certificação orgânica**, que não consideram sustentáveis algumas práticas agroextrativistas; **o crescimento da pobreza e da fome; a falta de ações** que visem ao reconhecimento do enorme potencial dos sistemas agroecológicos de produção; **a**

limitada quantidade de ações dos órgãos municipais que atendam as populações mais marginalizadas.

Em face disso, destaca-se um dos temas mais urgentes que merecem atenção dos tomadores de decisão: a construção de **estratégias de financiamento** que permitam reagir ao processo de financeirização do agronegócio, apostando em identificar habitantes **das cidades, dispostos a apoiar circuitos de comercialização** justos, bem como social, ambiental e economicamente sustentáveis.

Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional – Cultura alimentar, nutrição e territórios

Denise Oliveira e Silva

Pesquisadora em Saúde Pública e Vice-Diretora da Fiocruz-DF

Coordenadora do Observatório Brasileiro de Hábitos

Alimentares

Editora Chefe da Revista de Alimentação e Cultura das Américas



O território é um campo de pesquisa e experimentação. Não pode, portanto, reduzir-se a um espaço geográfico apenas. O território reflete campos de relações e significados multifatoriais que integram elementos do **bioma**, da **história**, da **cultura**, do **reconhecimento social**, bem como da **soberania e da segurança alimentar e nutricional**.

Na experiência do trabalho em comunidades tradicionais, aspectos como a segurança alimentar e nutricional e os sistemas de produção e comercialização de alimentos **nunca estão dissociados da vida nas comunidades**. A ciência definiu uma visão, baseada num princípio diferente, o que representa uma **construção epistemológica perigosa** que tem se aninhado nos discursos das instituições e das ciências da saúde. É possível superar o desconhecimento das formas de economia popular e das práticas e saberes das comunidades, permitindo o uso eficiente de recursos e esforços coletivos.

É necessário **que a saúde se aproxime dessas experiências e vivências**, pois durante muito tempo, epistemologicamente, as ciências da saúde só foram capazes de enxergar um panorama desagregado que priorizava só a doença e a visão corporativa. É importante mudar a perspectiva e abordar a saúde de **forma sistêmica e ampla**.

A **virada de narrativa** necessária consiste em **visibilizar, valorizar e reaprender novos conceitos e significados** da saúde a partir das experiências e vivências das comunidades, bem como priorizar o **diálogo intersetorial** que necessariamente passa pela **terra**, pela **reforma agrária** e pela **superação do racismo estrutural e histórico** da sociedade brasileira.

As estratégias devem visar a construção de **redes sociotécnicas**, que fortaleçam a integração e a responsividade aos conflitos entre as diversas pessoas no território.

Ademais, é fundamental a **sistematização de aprendizados** que visem a construção de territórios sustentáveis e saudáveis.

Vigilância popular em saúde e barreiras sanitárias múltiplas

Alexandre Pessoa Dias

Professor e Coordenador do Laboratório de Educação

Profissional em Vigilância em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz (Lavs/EPJSV/Fiocruz)



A **pandemia trouxe incertezas e sofrimentos**, inclusive diante da possibilidade de se intensificar o isolamento social, como aconteceu na Europa, no final do ano de 2020. Essa crise sanitária demanda ações emergenciais e estratégicas: umas estão atrasadas, outras devem ser feitas agora e outras, ainda, irão deixar um legado para o futuro e precisam ser realizadas a partir de uma visão projetual. O ritmo da vacinação em um país continental, como o Brasil, não será rápido. Então, **é preciso se preparar para o período anterior e posterior à vacinação**. Não se trata de magia: a realização da vacinação demandará uma logística e a mobilização de um enorme contingente de trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS) que enfrenta, atualmente, problemas de toda sorte.

É necessária a aplicação de um conjunto de **barreiras sanitárias múltiplas**, que, aliás, sofrem alterações ao longo do tempo. Podem-se **adotar algumas delas, recuar da utilização de outras, mas não suspender todas**. Sugere-se a leitura do “Guia básico dos cuidados com o coronavírus destinado aos produtores rurais” que foi feito por uma equipe interdisciplinar da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) do Rio de Janeiro, com a colaboração da Fiocruz, em julho de 2020⁶. Diante da pandemia e das inúmeras descobertas sobre a dinâmica da Covid-19, os documentos precisam sempre ser datados e revisados.

Para entender a multiescalaridade e a multidimensionalidade das **barreiras sanitárias múltiplas**, **é necessário compreender os caminhos das pessoas, do vírus, das águas e dos alimentos**. A taxa de transmissão da doença é elevada, acontece de pessoa para pessoa por gotículas ou aerossóis em suspensão. Logo, é necessário o

⁶ Disponível em: http://www.rj.gov.br/secretaria/PaginaDetalhe.aspx?id_pagina=5657

distanciamento físico de pelo menos 2 metros entre as pessoas. Ademais, essa transmissão também se pode verificar por meio do contato com as superfícies, pois o vírus sobrevive nelas por um longo tempo. Conseqüentemente, é possível afirmar que **a limpeza dessas superfícies e a própria água conformam-se como barreira sanitária fundamental**; mas é preciso esclarecer que apenas a limpeza não é suficiente. É necessária a triangulação água-sabonete-informação. O sabonete na higienização das mãos tem que fazer espuma, para que a limpeza seja adequada e cuidadosa. Para beber, a água deve ser clorada, porque o cloro residual inativa o novo coronavírus. Se não for clorada, o Ministério da Saúde deve fornecer o hipoclorito de sódio.

Seguir essas recomendações já era necessário para se evitar doenças de veiculação hídrica; agora, na pandemia, faz-se ainda mais premente colocar em prática essas medidas de higiene para se aumentar a segurança. Quando é feito o aproveitamento de água de chuva são importantes as duas barreiras sanitárias: a utilização do filtro cerâmico domiciliar e a cloração. O caminho das águas envolve o saneamento domiciliar, as águas da produção agrícola, da criação dos animais, as águas de uso comunitário, de emergência e de proteção ambiental, bem como a sua relação com os **serviços públicos de esgotamento sanitário e o manejo de resíduos sólidos**. O **caminho dos alimentos** implica em boa alimentação que aumente a imunidade, bem como os cuidados com sua higienização uma vez que os alimentos também podem transmitir o novo coronavírus e outros microrganismos patogênicos.

As barreiras sanitárias estruturais (físicas e químicas) precisam ser acompanhadas de **barreiras estruturantes**, como a comunicação, a educação e a pedagogia do cuidado, inclusive a partir da experiência do trabalho coletivo solidário para explicar às pessoas onde elas erram. A pedagogia do cuidado precisa superar a culpabilização das doenças contagiosas e exercer um trabalho permanente de educação em saúde tendo a compreensão de que as pessoas passam por intenso sofrimento, mas que podem superá-lo. É necessário afirmar que mortes são evitáveis. Entretanto, deve-se também ter o cuidado ao fornecer informações, principalmente aquelas relacionadas à assistência em saúde e que requerem orientações dos profissionais de saúde. **É importante reconhecer que os nossos conhecimentos têm limites**. Há um limite para a orientação e o compartilhamento de conhecimento sobre a enfermidade: caso não se tenha certeza quanto às informações, é preciso orientar a população para que se busque a Unidade Básica de Saúde ou os especialistas em saúde, quando necessário.

Durante o Ciclo de Encontros, 36 participantes identificaram estratégias adotadas para o enfrentamento da pandemia que podem também ser identificadas como **barreiras sanitárias múltiplas**. A maioria das respostas destacou a importância de manter o isolamento social, usar máscaras, higienizar as mãos e os objetos, bem como ter cuidado com a saúde e a alimentação. As respostas se referem às formas de cuidado e foram agrupadas de acordo com as seguintes dimensões: **individual** que diz respeito às mudanças comportamentais e aos cuidados na escala domiciliar; **coletiva** que relaciona os domínios comunitário e público; e **territorial** que envolve o domínio regional e a agência estatal. Entre as estratégias adotadas, estão: (i) o acesso e o repasse de informações assertivas e saberes agroecológicos; (ii) as orientações e as campanhas educativas no cuidado coletivo; (iii) o apoio psicológico; (iv) a comunicação constante com as pessoas; (v) as pesquisas; (vi) o monitoramento e as análises dos efeitos da pandemia na sociedade; (vii) os investimentos públicos para minimizar os impactos negativos; (viii) a socialização de estratégias e esforços coletivos de cuidados em saúde (Figura 5).

As pessoas estão com medo, mas ele também nos faz agir. Quais ações conhece para o enfrentamento da pandemia?

As ações mais frequentes são:

- Respeitar/Manter o isolamento/distanciamento social.
- Usar corretamente as máscaras.
- Higienização frequente das mãos e utensílios com água e sabão ou álcool.
- Cuidado com a alimentação e a saúde em geral, especialmente a saúde mental.

As pessoas estão com medo, mas ele também nos faz agir. Quais ações conhece para o enfrentamento da pandemia?

As ações mais frequentes são:

- Respeitar/Manter o isolamento/distanciamento social.
- Usar corretamente as máscaras.
- Higienizar frequentemente as mãos e utensílios com água e sabão ou álcool.
- Cuidar a alimentação e a saúde em geral, especialmente a saúde mental.

DIMENSÃO INDIVIDUAL

- Ser consciente para evitar contrair e repassar o vírus.
- Seguir os conselhos de saúde pública.
- Realizar antecipadamente de contato telefônico com pessoas.
- Saber se alguém da equipe teve contato com uma pessoa confirmada ou suspeita nas últimas duas semanas.
- Planejar muito bem as atividades antes, desde os cuidados com os materiais, veículos e durante o percurso da viagem.
- Tomar banho quando chegar da rua.
- Comunicar saberes agroecológicos

DIMENSÃO COLETIVA

- Solidarizar com as pessoas em situação de desigualdade.
- Seguir as orientações da saúde, buscando sempre se proteger e proteger às outras pessoas.
- Usar o bom senso e o princípio da precaução (prevenção).
- Conhecer e divulgar as diretrizes em saúde pública.
- Compartilhar ações de prevenção.
- Buscar conhecimento para viver esse momento e passar conhecimento aos menos informados.
- Verificar o boletim epidemiológico procurando nos dados com as autoridades locais.
- Implementar sistemas de teleentrega para as pessoas quem não têm condições de sair de casa.
- Formar grupos de apoio psicológico.
- Mostrar que a pandemia nos limita em determinadas ações, porém não pode nos parar.

DIMENSÃO TERRITORIAL

- Desenvolver pesquisas sobre a doença.
- Demandar investimentos do Estado na área da saúde.
- Implementar ações educativas de cuidados de higiene.
- Desenvolver estratégias de monitoramento da saúde de maneira remota.
- Testar a população massivamente.
- Organizar os setores (incluído turismo) mediante protocolos.
- Reorganizar as atividades produtivas que inclui ações em torno da saúde e bem estar social, além de atividades inclusivas e de entretenimento.
- Realizar ações de comunicação através das plataformas digitais, trazendo os cuidados e discutindo estratégias juntos às comunidade rurais de prevenção a covid -19.
- Distribuir/doar alimentos e EPI para garantir o acesso à máscaras, água, sabão e alimentos a todas as pessoas. Exe. cestas básicas, restaurantes comunitários, compras públicas de alimentos locais, e distribuição de equipamentos para profissionais da saúde.

Figura 5. Sistematização das barreiras sanitárias múltiplas nas dimensões individual, coletiva e territorial.

Reflexões, compartilhamentos e aprendizados.

As narrativas dos trovadores pelos caminhos das pessoas, dos alimentos e do vírus.

Durante as quatro semanas de realização do Ciclo de Encontros, os participantes foram convidados a refletir continuamente sobre os impactos da pandemia nos territórios e nas estratégias de combate aos seus efeitos.

Na metodologia do Ciclo, os participantes formaram cinco subgrupos que se reuniam virtualmente, nos dias que intercorreram um encontro e outro, para dialogar acerca do que foram chamadas de questões geradoras (**Figura 6**). Orientou-se a reflexão das soluções possíveis e dos cuidados necessários, incentivando a criatividade e o fortalecimento das redes sociotécnicas como caminho para a superação dos desafios impostos pela pandemia. Após o debate, o grupo apresentava suas conclusões no encontro semanal, as quais foram sistematizadas nesta seção.

<p style="text-align: center;">Encontro 1</p> <ol style="list-style-type: none">1. Onde as ações do Programa InovaSocial e as ações de promoção da saúde se inter-relacionam nas comunidades onde atuamos.2. Como estas inter-relações acontecem ou por que não acontecem.
<p style="text-align: center;">Encontro 2</p> <ol style="list-style-type: none">1. De que forma o caminho da alimentação saudável pode fortalecer as estratégias de barreira sanitária?2. De que forma as famílias podem se fortalecer para a produção, circulação, distribuição e acesso a alimentos saudáveis em tempos de pandemia?3. Como construir inovação social para segurança alimentar e geração de renda em tempos de incertezas?
<p style="text-align: center;">Encontro 3</p> <ol style="list-style-type: none">1. Quais as barreiras sanitárias múltiplas você identifica nas suas atividades familiares, de trabalho e do projeto territorial?2. Que outras informações e barreiras adicionais seriam necessárias implementar no território?

Figura 6. Perguntas geradoras dos encontros.

Nos quadros em destaque se encontram resumidas as principais falas, conclusões e reflexões apresentadas pelos grupos no decorrer do evento. O retângulo central apresenta as falas comuns a todos os grupos, e nos periféricos as falas específicas dos grupos.

Na primeira semana, as discussões giraram em volta da relação das ações do Programa InovaSocial com a promoção da saúde nos territórios (**Figura 7**).

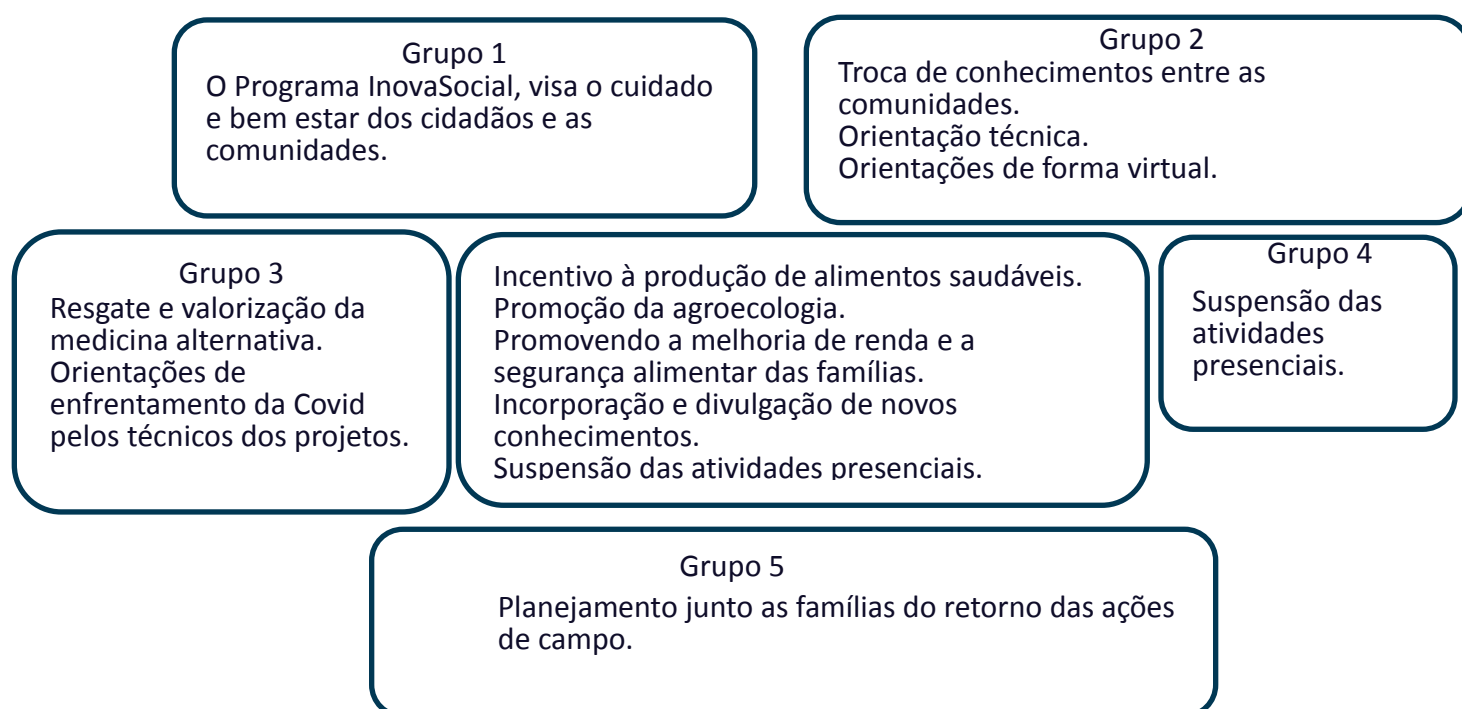


Figura 7. Inter-relação das ações do Programa InovaSocial com a promoção da saúde nos territórios.

Os participantes relataram a importância da alimentação saudável, da sua contribuição na saúde, da construção e comunicação dos conhecimentos e práticas dos agricultores familiares usando novas plataformas de informação e interação, embora que muitas vezes com acesso precário nas zonas rurais. Ademais, identificaram que é importante conduzir ações que visem o bem estar das comunidades, o cuidado físico e mental individual e coletivo, bem como o uso sustentável dos recursos naturais e das capacidades humanas disponíveis nos territórios.

Na segunda semana, tivemos um espaço que fomentou o diálogo sobre estratégias e desafios para a construção de inovações. As principais discussões foram agrupadas pelas questões geradoras dessa semana (**Figuras 8, 9 e 10**).

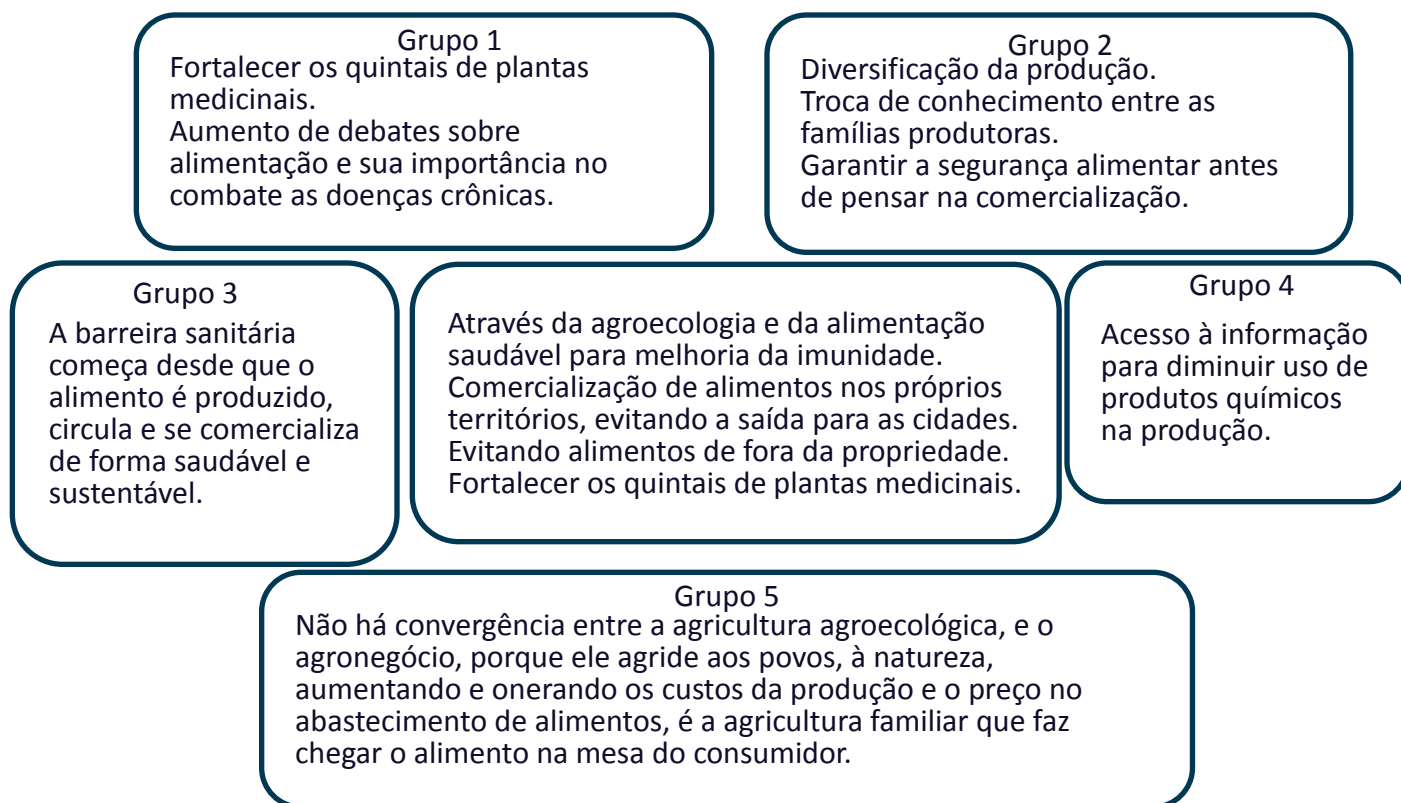


Figura 8. O caminho da alimentação saudável como barreira sanitária.

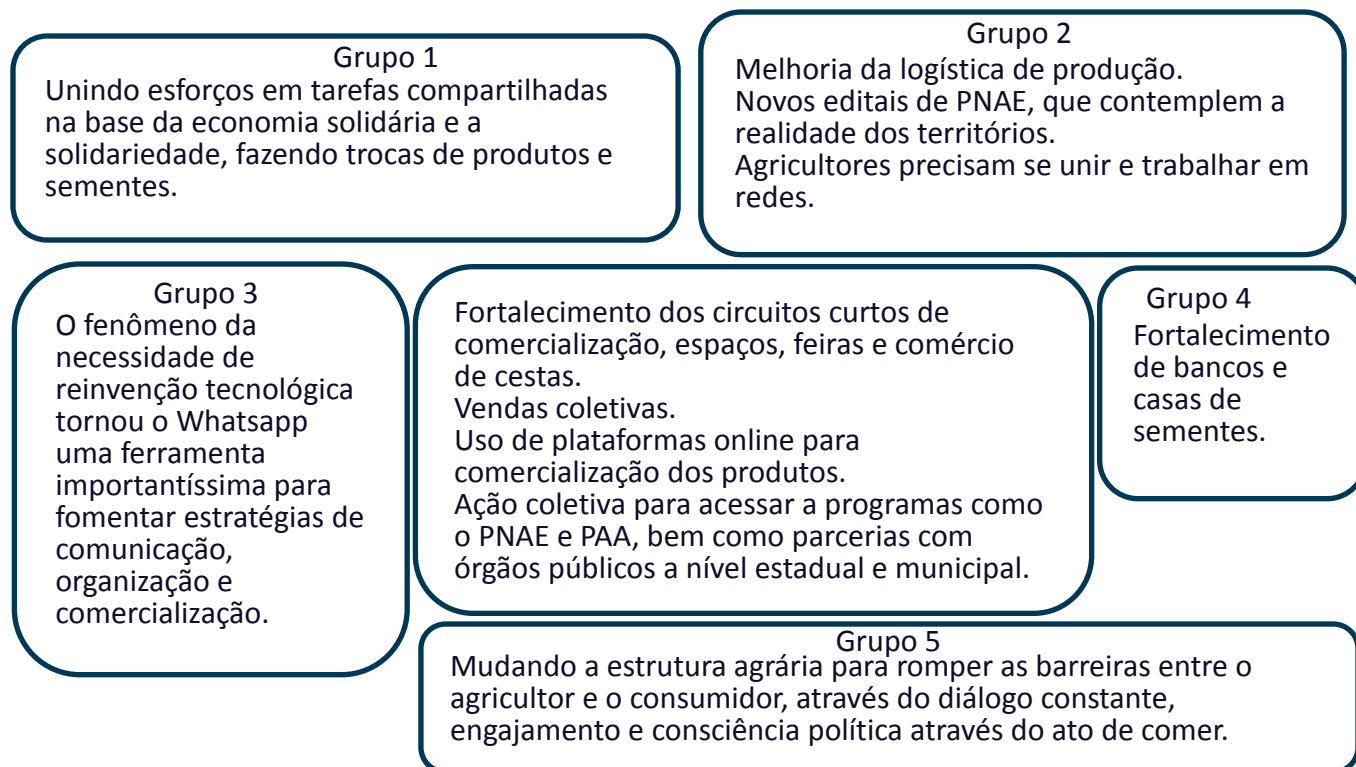


Figura 9. Formas de fortalecer a produção, circulação, distribuição e acesso a alimentos saudáveis em tempos de pandemia.

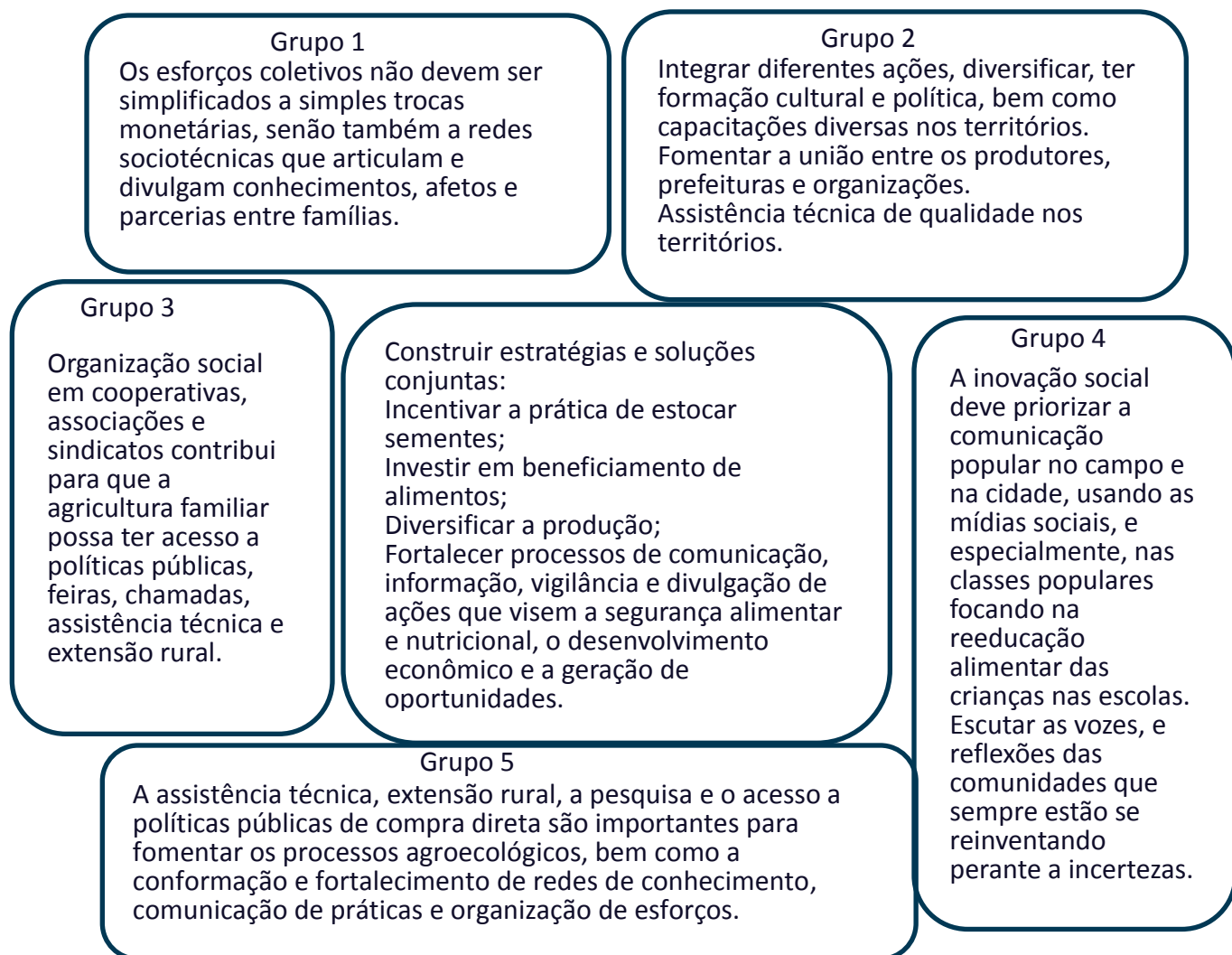


Figura 10. Formas de construir inovação social para segurança alimentar e geração de renda em tempos de incertezas.

Notou-se, que durante a pandemia e no atual contexto político, alguns processos como a procura por uma alimentação mais saudável e sustentável, foram acelerados, em contextos de conflito de interesses, em campos sociais desiguais, bem como acompanhados de disputas de conhecimentos e práticas, característicos de um contexto de crise humanitária, econômica e socioambiental. Esta construção de inovações, necessariamente precisa de esforços conjuntos da sociedade civil, em esferas multissetoriais. Demandas por ações estatais, em nível federal e municipal, que agenciem melhor as desigualdades de poder e as injustiças sociais, priorizando as práticas e conhecimentos que fomentem sistemas agroalimentares sustentáveis e saudáveis.

As discussões da terceira semana giraram em torno das barreiras sanitárias múltiplas que os participantes identificavam no seu território, desde as relações familiares, de trabalho e do Programa InovaSocial e o que ainda poderia ser feito para melhorar. As principais discussões foram agrupadas pelas questões geradoras dessa semana. As principais duas figuras identificam as discussões da primeira questão sobre as barreiras sanitárias múltiplas identificadas nas esferas familiar e comunitária (**Figura 11**) e durante as atividades do projeto (**Figura 12**). Após, apresenta-se o depoimento do Lindomar Pereira da Silva sobre a prática que emprega para conscientizar as pessoas sobre uma das barreiras sanitárias múltiplas (**Figura 13**). Na segunda questão os participantes levantaram inúmeras ações, desde individuais, como coletivas, que precisam ser realizadas para diminuir os efeitos da pandemia junto aos territórios (**Figura 14**).

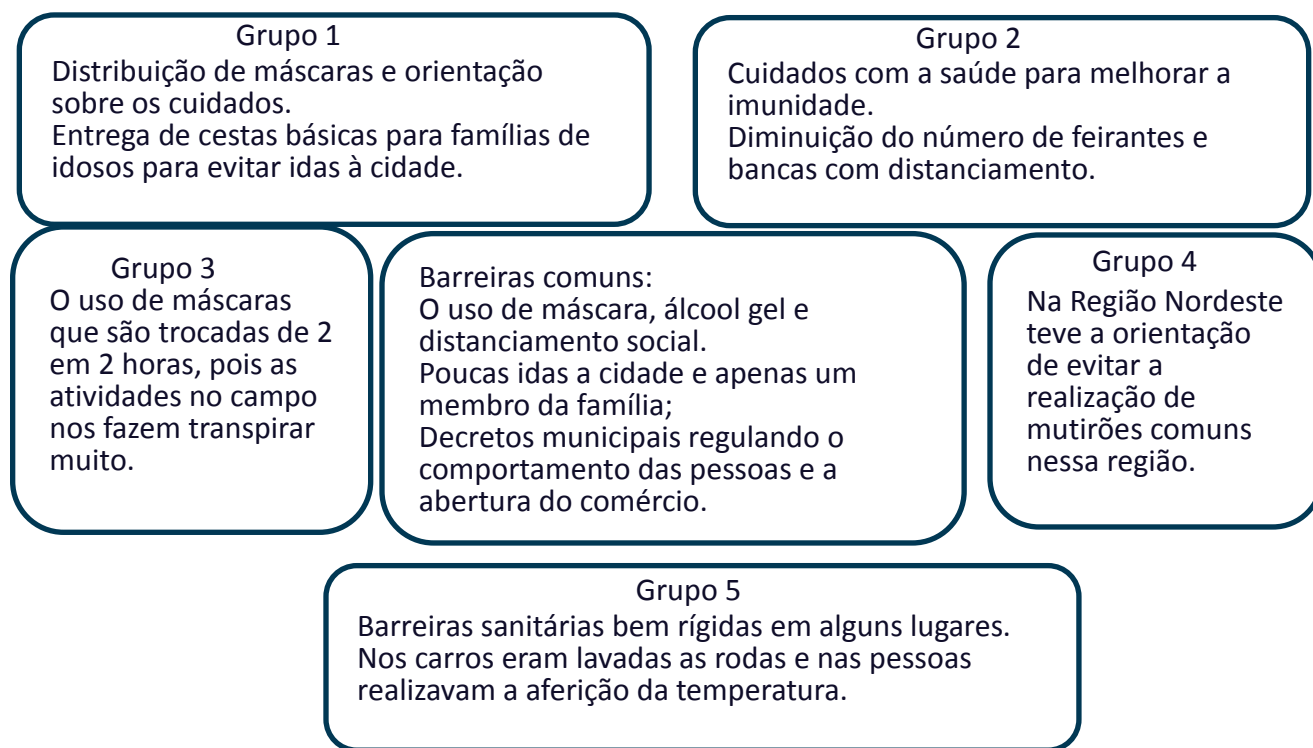


Figura 11. Barreiras sanitárias múltiplas identificadas nas atividades familiares, do trabalho e nas comunidades.

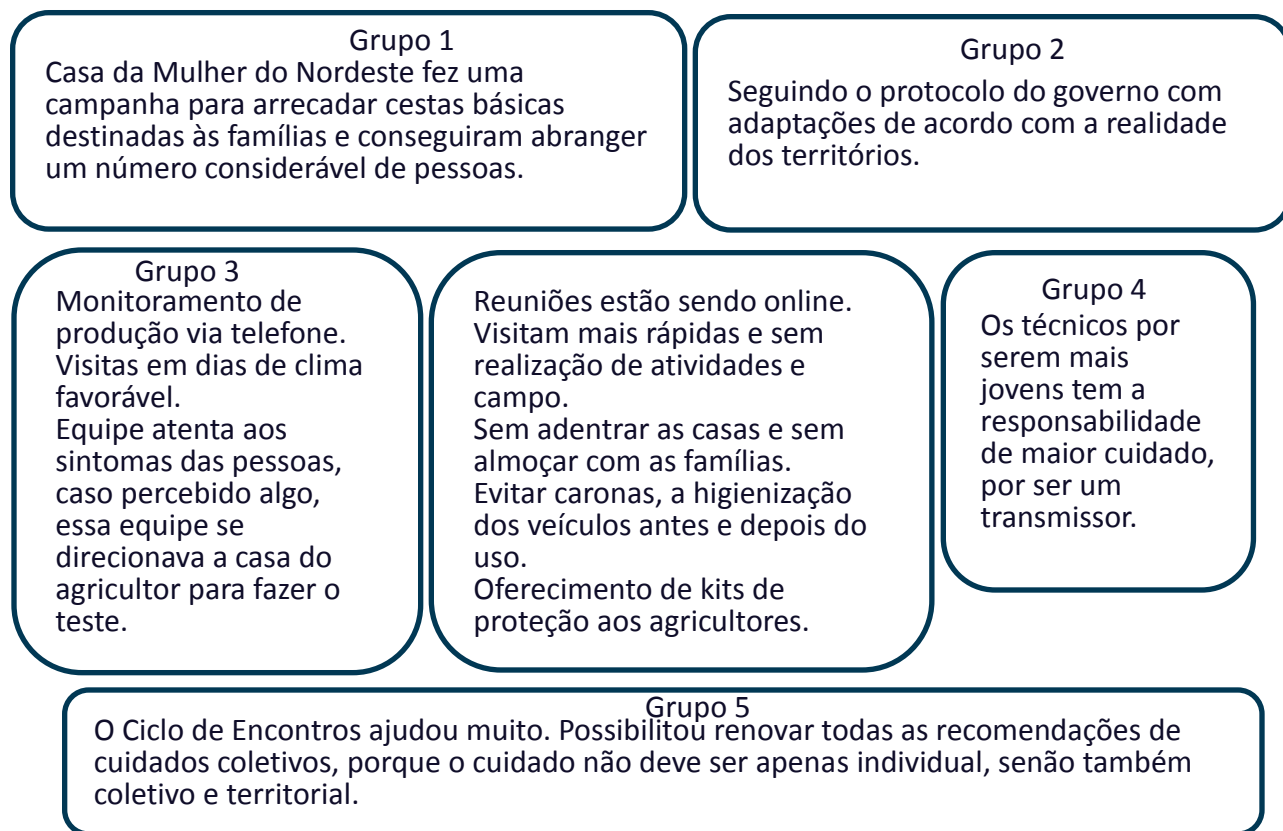


Figura 12. Barreiras sanitárias múltiplas identificadas nas atividades dos projetos territoriais.

Depoimento do técnico Lindomar Pereira da Silva:

“Então eu “criei” um teste, porque nós não temos como ter a garantia de que o agricultor vai seguir as recomendações que nós passamos. Ai que eu estímulo eles. Assim que eu chego na propriedade eu estendo a mão. Tem agricultor que vai querer me cumprimentar com aperto de mão, aí eu recuo e informo que nós não podemos nos cumprimentar assim. Mas onde eu acompanho, muitos estão seguindo à risca esse protocolo”.

Figura 13. Depoimento do técnico Lindomar Pereira da Silva.

Com a pandemia houve novos desafios como o aumento dos preços dos alimentos e dos insumos e uma restrição do acesso às feiras e aos mercados nas zonas urbanas. As ações devem visar o diálogo, comunicação e aprendizados em ações intersetoriais entre os técnicos de ATER, os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs), os Agentes de Combate

às Endemias (ACEs), as instituições públicas, os educadores, as organizações sociais e as comunidades rurais.

- ❖ Maior conscientização dos territórios e da população em seguir as orientações existentes.
- ❖ Reforçar o uso dos equipamentos de proteção pelos ACSs.
- ❖ Identificação das pessoas de grupo de risco nas comunidades, dessa forma orientam as famílias, os jovens e os demais membros das famílias, sobre os cuidados que devemos tomar nesse momento de pandemia.
- ❖ Maior número de testes para detectar pessoas contaminadas.
- ❖ Incentivar e ajudar no uso de internet pelos idosos, para evitar idas a bancos e casas lotéricas.
- ❖ Fortalecer a agroecologia como o caminho para alimentação saudável.
- ❖ Fortalecer as casas de sementes, quintais produtivos, a diversificação da produção e o fomento à produção do próprio alimento.
- ❖ Orientar os comerciantes a expor os alimentos de forma a facilitar a visualização e evitar que as pessoas tenham que tocar. Orientar as pessoas a lavar tudo antes de consumir ou armazenar.
- ❖ Envolver os profissionais do SUS, para que eles fortaleçam a implementação do uso de plantas medicinais e a realização de oficinas e cursos de capacitação para melhor utilização das plantas.
- ❖ Garantir o delivery para as feiras e assim facilitar o acesso ao alimento saudável pelos consumidores.
- ❖ Disponibilização de transporte para agricultores para melhorar a logística de comercialização dos produtos.
- ❖ As ações do governo devem ser construídas de forma coletiva com o povo. Assim como a difusão das informações de forma clara e verdadeira.
- ❖ As organizações locais precisam se articular para desenvolver protocolos democráticos com seus territórios voltados para a realidade local.
- ❖ Precisamos ter clareza de como os produtores estão organizando e intercambiando suas ações e conhecimentos.
- ❖ Técnicos dos projetos devem buscar apoio junto ao poder público, pois estes podem fazer a ponte entre os agricultores e as prefeituras como uma forma de apoiar os agricultores.

Figura 14. Outras informações e barreiras adicionais que seriam necessárias implementar nos territórios.

As ações de vigilância preconizam exatamente o acompanhamento dos diferentes momentos em que a pandemia se encontra, nos diferentes territórios, pensando as ameaças de novos contágios e as formas de se preparar e de se articular para enfrentá-las. Essa preparação nunca é completamente eficiente, até porque há esses diferentes estágios e as medidas de enfrentamento surtem impactos distintos, dependendo do lugar. O isolamento nunca é total pois as pessoas circulam, aumentando ou diminuindo o contato e o contágio. A realidade e a evolução da pandemia são muito dinâmicas, mas a vigilância pode auxiliar no planejamento, preparo e acompanhamento de ações e, também, na proposição de políticas públicas.

Das narrativas às ações do cuidado em saúde.

O mutirão de inovações sociais que abrem e trilham veredas no campo

A sociedade civil pela garantia da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Como exemplos de ações que visam o fortalecimento de circuitos regionais e locais de agroecologia e agricultura familiar, podem ser mencionados: 1) a **Ação Coletiva Comida de Verdade**; 2) a **Agroecologia nas Eleições** da Articulação Nacional de Agroecologia; 3) A campanha **Candidato, o que tem no prato?** da Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável; 4) a **Jornada de Lutas Contra a Fome por Soberania Alimentar** do Movimento de Pequenos Agricultores; 5) a **Conferência Popular por Direitos, Democracia, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional**.

Estas iniciativas e inúmeras outras buscam ampliar a mobilização e a visibilidade ao que já acontece, para fortalecer as demandas por políticas públicas que garantam a SAN e o DHAA. Menciona-se também: 6) A **Campanha Gente é para Brilhar não para Morrer de Fome**, resultado de uma ampla articulação durante a Semana do Dia Mundial da Alimentação (16 de outubro de 2020) que além de uma agenda de discussões realizou a distribuição de marmitas em comunidades em condição de vulnerabilidade elaboradas com doações de alimentos da agricultura familiar.

Ações mencionadas



Diálogo e Parceria entre Redes de Produtores e Consumidores do Campo e da Cidade

A Cooperativa de Consumidores GiraSol entrou no sistema de delivery, cestas e entregas porta a porta, em uma escala local com a parceria da Coomafitt. A **Coomafitt** é uma cooperativa que surgiu a partir do PAA e que ainda atua na alimentação escolar, mas que teve que se reinventar ao longo do processo, devido à crise ou desmantelamento geral das políticas públicas para o segmento da agricultura familiar. A **Cooperativa de Consumidores GiraSol** é um espaço na cidade que articula os consumidores em parceria com as cooperativas no meio rural. Dentro da estratégia também se articulam duas redes: a Rede Coop e a Rede Ecovida. A **Rede Coop** constitui-se de 44 cooperativas, em 31 municípios, que organizam sistemas de gestão compartilhada, sendo que uma ajuda a outra na distribuição para reduzir custos logísticos. A **Rede Ecovida** é uma rede de agroecologia com circuitos de distribuição compartilhados, cooperativos e solidários entre agricultores e grupos de agricultores que trabalham na comercialização e trocas não monetárias de alimentos.

Durante a pandemia, a construção de novas plataformas digitais de venda encarou vários dilemas. O ponto mais grave foram os altos custos em logística em virtude das entregas isoladas e com quantidades reduzidas. Isso foi sendo superado pela inclusão de novos agricultores como fornecedores, a inclusão de produtos mais diferenciados e a reorganização dos processos logísticos. A pandemia nos ensinou que a constituição de sistemas agroalimentares saudáveis e sustentáveis precisa que a nova era da revolução tecnológica seja usada a favor da agricultura familiar e que fomente a conexão entre produtores e consumidores.

Atores mencionados



GiraSol
COOPERATIVA & ARMAZÉM

Comércio Justo e
Consumo Consciente



Desde
2006
semeando
o cooperativismo



A construção de conhecimento e inovações sociais em tempos de pandemia

A **Fiocruz** apresentou duas iniciativas inovadoras. A 1) **Chamada Pública para o Apoio a Ações Emergenciais Junto a Populações Vulneráveis** e 2) **Plataforma de Inteligência Cooperativa com Atenção Primária à Saúde para o enfrentamento da Covid-19 nos territórios**.

A **Chamada** abriu em 2020 e selecionou cerca de 145 propostas. Parte significativa dos projetos submetidos estavam relacionados à SAN, o que trouxe para a Fiocruz um olhar diferente para este campo. A proposta visou apoiar financeiramente ações que as próprias populações estavam enxergando como soluções para suas comunidades, enquanto a Fiocruz fazia parte do processo no papel de escuta e respeito pela pluralidade de saberes e modos de vida nestes contextos impactantes, em uma perspectiva de abertura a aprender e contribuir com o conhecimento dos profissionais.

A estratégia empregada foi pedagógica, tentando aprender como as pessoas atuavam com a sabedoria local que é legítima e digna de reconhecimento. Frequentemente, a ciência é muito separada da realidade das comunidades, sendo, muitas vezes, palco de uma elite que conseguiu ter acesso, não traz as vozes da cidadania e nem permite o reconhecimento de saberes. A ciência sempre tende a entendimentos baseados em valores próprios e as políticas públicas são um campo de disputa construído por muitos interesses.

Os resultados da Chamada foram múltiplos. A valorização das estratégias e pautas dos grupos sociais permitiu o reconhecimento e apoio de soluções efetivas propostas e procuradas pelas próprias comunidades. Ademais, trouxe a oportunidade para os pesquisadores da Fiocruz se aproximarem dos grupos sociais e suas realidades.

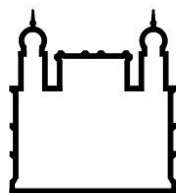
A **Plataforma de Inteligência Cooperativa com Atenção Primária à Saúde para o enfrentamento da Covid-19 nos territórios** não é apenas um aplicativo de computador, mas um conceito de interação entre parceiros. Trata-se de uma iniciativa abrigada pela Fiocruz Brasília, em coordenação com a Universidade de Brasília (Unb) e o Governo do Distrito Federal (GDF). A governança de rede cooperativa é um elemento fundamental para que se possa trabalhar no contexto atual, dessa forma a ação é uma rede de inteligência corporativa, uma junção das inteligências individuais e coletivas, espalhadas na rede, em um processo de aplicação na prática.

O objetivo é criar um **ambiente favorável para essas interações sociotécnicas** entre as pesquisas, os processos de produção, os serviços e, também, os saberes populares, presentes no território, constituindo **uma espiral de aprendizagem**. Para isso, no território do Distrito Federal (DF), já se realizam ações de interação entre as vigilâncias (popular, sanitária, epidemiológica, saúde ambiental e saúde do trabalhador) e a atenção primária. A atuação no território, nesse caso, foi deslançada a partir das **atividades desenvolvidas com os duzentos residentes da Escola de Governo da Fiocruz (EGF)**. Construiu-se uma estrutura permanente para **apoiar, dar resposta e atualizar as equipes de saúde sobre a pandemia da Covid-19**. Essa estrutura dispõe não apenas de processos de interação digital, mas também de comitês populares territoriais que proporcionam processos adicionais de interação social.

A população se envolve nas ações de vigilância epidemiológica, o que permite conhecer a realidade local, a partir do olhar de quem está no território, e ajuda a mapear os casos, as vulnerabilidades e as ameaças. A esse processo intenso dá-se o nome de **cartografia participativa** e nele as pessoas estão responsáveis pela coleta e análise dos dados acerca da realidade local. Relacionam-se dados estruturados, que vêm das diferentes fontes de produção de conhecimento, com evidência científica, e conectam-se às plataformas das redes sociais das comunidades, a fim de facilitar o acesso à informação e incentivar a mobilização social.

A Fiocruz convida a rede, constituída durante o Ciclo de Encontros, para integrar a Plataforma, a fim de ampliar o alcance dos laços estabelecidos e propor alternativas de enfrentamento da pandemia da Covid-19. Toda a equipe da Fiocruz Brasília está disponível para continuar apoiando essa rede sociotécnica, que se constituiu. O foco dessa atuação institucional conjunta continuará sendo a interação entre a produção de alimentos e a saúde coletiva, num processo de vigilância de base territorial para a promoção de territórios mais saudáveis e sustentáveis.

Atores mencionados



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

As lentes dos membros do Programa InovaSocial para visibilizar ações das populações do campo

A pandemia trouxe enormes desafios para as equipes do Programa InovaSocial. Muitas das atividades a campo foram replanejadas e várias medidas para o cuidado e vigilância popular em saúde foram adotadas. Durante este período de pandemia, as lentes dos agricultores familiares e dos técnicos dos projetos permitiram captar algumas ações adotadas para o atual contexto.



Barreira sanitária na entrada do município de Ingá/PB. Autora: Madalena Medeiros. Data: 15/09/2020

Uma medida adotada pelas comunidades do campo foram as barreiras sanitárias organizadas pela sociedade civil ou com apoio dos órgãos de saúde locais, que controlavam a entrada de quem não era da comunidade ou não tinha visita justificada.

Para as famílias agricultoras, o acesso à água é fundamental no momento atual. As cisternas de captação de água de chuva e os filtros domiciliares, não só garante o acesso à água para o consumo e limpeza, mas também para a autonomia e segurança alimentar e nutricional dos domicílios e da comunidade.

Cisterna instalada em 2015 para provimento de água limpa às atividades na propriedade do casal no município de Alagoinha/PE. Autores: Maria Aparecida Feitosa de Freitas e José Fredson Feitosa da Silva





Propriedade da agricultora Deasolange Romão da Silva, que mostra fruteiras no quintal agroecológico do Sítio Poço Grande, em Flores/PE. Autora: Andréa Daniele da Silva Araújo. Data: Outubro/2020

“Bioágua”, criado para filtragem e reaproveitamento de água da pia da cozinha,

Sítio Poço Grande



Lavatório móvel criado pelos agricultores para incentive à higienização das mãos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Flores/PE. Autora: Andréa Daniele da Silva Araújo. Data: Outubro/2020

A água como barreira sanitária é uma preocupação constante dos agricultores familiares que, em contextos onde o abastecimento por rede pública de água não faz parte das realidades locais, instalam lavatórios solidários como pias com sabão e papel toalha para a higienização das mãos.

A distribuição de kits de proteção, alimentos e sementes em parceria com outras instituições, foram ações intersetoriais que contribuíram para o cuidado coletivo das famílias agricultoras durante a pandemia.



Vilmara Marques da Paixão (mãe de Silmara) fazendo máscaras para distribuir para a população que precisa para se proteger do Covid-19 no Sítio Cerro do Mal Criado, Palmas, município de Bagé/RS. Autora: Silmara da Paixão Machado (menor). Data: 2020

Distribuição de sementes agroecológicas durante a pandemia em Alto Paraíso/GO. Autora: Vanilda Ferreira. Data: Novembro/2020



Reunião da Cooperfumos no município Santa Cruz do Sul/RS para entrega dos kits de sementes de hortaliças. Autor: Vagner Lages Prestes. Data: 13/10/20

Ademais, as atividades em campo são realizadas com poucas pessoas da família e planejadas e desenvolvidas em diálogo constante com os técnicos, constituindo espaços de comunicação e aplicação das orientações de cuidados em saúde.

Oficina de implantação de Campo de multiplicação na Comunidade Cabral – Município de Pedro II/PI. Autor: José Maria Saraiva. Data: 23/10/2020



Oficina de implantação de campo de multiplicação na Comunidade Cabral – Município de Pedro II/PI. Autor: José Maria Saraiva. Data: 23/10/2020

Os membros do Programa InovaSocial identificam que o resgate da diversidade de variedades e espécies, a busca pela autonomia alimentar das famílias e as práticas agroecológicas são barreiras sanitárias efetivas que contribuem para a construção de sistemas alimentares saudáveis e sustentáveis durante a pandemia e o pós-pandemia.



Ensino sobre multiplicação e seleção de sementes. Local: Comunidade Serra Velha no município de Itatuba/PB. Autora: Luzia Bezerra da Silva, agricultora e gestora de um banco de sementes. Data: 09/04/2020



**Sementes crioulas de milho no município
de Vale do Sol-RS. Autor: Marcelo
Henrique Lesing. Data: 16/07/2020**



**Lã de carneiro da raça Ideal na Fazenda
Bento Garcia, 3º dist de Piratini/RS. Autor:
Aloísio Garcia, agricultor da Cooperativa do
Alto Camaquã. Data: Outubro/2019.**

**Visita da equipe técnica do projeto
InovaCapri Pb/Pe ao agricultor João Batista
da Costa no Sítio Mulungu dos Pintos no
município de Barra de São Miguel/PB, que
mostra sua criação de caprinos. Autora:
Nívea Felisberto
Data: 14/10/2020.**



Uma mensagem para 2021 para as populações do campo

O atual contexto de pandemia demanda que mulheres e homens adotem e interiorizem diversas **mudanças**, por meio da educação permanente, visando à organização comunitária, à produção e à comercialização de alimentos saudáveis. É preciso entender que **a transmissão do vírus** ocorre de múltiplas formas. **O vírus não respeita fronteiras**. Circula em meio à aglomeração, por conta da proximidade entre as pessoas, principalmente se estiverem sem máscaras e, também, após o contato com objetos contaminados.

A pandemia nos ensinou o *“mutatis mutandis”*, ou seja, **mudar o que tem de ser mudado**. Ao mesmo tempo, **alterou os nossos processos de produção da vida nos territórios**. Não é só uma pandemia, mas uma *“sindemia”*; ou seja, registram-se processos sinérgicos, em que **outras doenças podem ocorrer conjuntamente**. Antes da pandemia, já eram conhecidas as fragilidades de muitas políticas públicas, e o país encontrava-se em **um contexto de vulnerabilidades socioambientais**. Entre 2013 e 2018, houve um aumento de 43% no número de domicílios com insegurança alimentar grave, ou seja, fome. Entretanto, se a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fosse aplicada hoje, os indicadores de **fome seriam ainda maiores**. Vivemos uma crise sanitária associada à uma crise econômica.

Outro elemento a ser considerado é a chamada **cultura da culpa**. Sempre se espera identificar **quem transmitiu a doença**. A gente **fica com medo** de ser o transmissor quando vai a campo. Ademais, quem trabalha fora fica com muito medo de levar a doença para dentro de casa e de que alguém da família morra. **O envolvimento emocional é muito grande**, inclusive para aqueles que a gente pensa que não estão nem aí.

Somos todos educadores. Quando vier a notícia de que o período de pós-pandemia chegou, quem estará nos territórios serão vocês, os agentes do campo da saúde, a assistência técnica e extensão rural e os demais educadores das redes de ensino. Em algum momento, vai reduzir o número de casos e a sociedade vai querer voltar ao cotidiano. **O espírito da emergência**, que nos faz estar aqui hoje, é muito forte, porque temos compromisso com a saúde das populações, mas também é **o espírito do cotidiano**, que quer que a gente continue fazendo o que a gente sempre fez. Assim, o

isolamento social pelas privações também traz um sofrimento psicossocial e emocional muito grande.

Nós somos chamados a exercer o papel de educadores populares da saúde. As recomendações oficiais vão se atualizando e demandam a criação de uma rede de comunic(ação). **Precisamos exercer a pedagogia do cuidado em rede** e aprender o que a saúde coletiva nos ensina sobre a relação de interdependência, ou seja, **eu protejo a minha saúde protegendo a saúde dos outros**. Se não aprendermos isso durante essa pandemia, a gente não avança neste país.

A perspectiva da prevenção e da vigilância popular em saúde se preocupa em **não contrair a doença**. Os casos podem baixar, mas **a pandemia tem efeito de onda, vai e volta**. Enquanto houver aglomerações, **o número de casos irá aumentar**. Por mais que sejamos educadores, **a vida é quem mais ensina, mas temos que evitar ao máximo que as comunidades aprendam pelo sofrimento**. A consciência não é estática, ela vai mudando a partir da realidade, ao longo de suas experiências e informações.

Mortes são evitáveis. A pandemia trouxe uma insegurança muito grande e nos colocou perante **um desafio imenso que precisa do trabalho de todas e todos**. Nós só evitamos as mortes, se ampliarmos as discussões sobre saúde pública para a saúde coletiva.

É compreensível que muitos **trabalhadores da assistência técnica, extensionistas rurais e agricultores não falem de saúde, porque pensam que não sabem o suficiente** e que quem deve falar de saúde é médico. **Esse cuidado excessivo de que não se pode falar sobre o processo doença-saúde-cuidado, não ajuda, pior, imobiliza**. Precisamos identificar e comunicar as iniciativas e ações efetivas que podem ser aplicadas em outros territórios, em **processos de solidariedade para aprendermos coletivamente**. **É disso que estamos falando, é a luta pela vida!**

Considerações finais e perspectivas futuras para a vigilância popular em saúde.

Segura o forró que o vírus ainda não sextou

O Ciclo de Encontros, em meio à pandemia da Covid-19, teve como objetivo institucional informar a sociedade, abandonando o senso comum e combatendo a

imobilização causada pela incerteza geral e pelo medo do contágio, a fim de partir para a ação. Muito se falou do retorno a campo durante os encontros. Foi comum o reconhecimento de que se tratava de um momento de exceção, que exigia medidas extraordinárias e que levasse em conta as especificidades do território, da crise sanitária e a saúde das comunidades. O Ciclo aconteceu em momento oportuno para se tratar dessas redefinições de procedimentos, por um lado, porque representou um apoio conceitual e metodológico fundamental; e, por outro, para chamar atenção para a amplitude do conceito de saúde, inclusive pelo seu vínculo com práticas de desenvolvimento sustentável.

A pandemia termina por evidenciar, de forma radical, a essencialidade da saúde e da alimentação, das atividades de produção e comercialização de alimentos, da produção e promoção de cuidados. Por isso, essas atividades estiveram no centro do debate, porque organizá-las significa repensar formas de deslocamento a partir dos caminhos percorridos tanto pelos alimentos, quanto pelas pessoas.

A ideia primordial, que sustenta o propósito de se realizarem ações continuadas, assenta-se sobre a vigilância popular em saúde e a pedagogia do cuidado do próprio campo. A pedagogia do cuidado preconiza um compartilhamento de vivências, de escutas, de representações conceituais e de culturas em conexão. É preciso atentar, então, para os espaços temporais e a dinâmica da pandemia; e entendê-la para produzir e reproduzir ações eficientes e efetivas. Nesse sentido, o importante é que todos se transformem em agentes coletivos de saúde, populares ou institucionais, para se produzir uma ação de convivência, durante a volta às atividades de campo e durante a produção e distribuição de alimentos, procurando a criação de uma rede solidária junto aos agricultores e às suas comunidades.

A vigilância e a pedagogia do cuidado terminam por reforçar noções primordiais para o campo da inovação social e que se referem à dimensão local. A epidemiologia situada traz a noção de que as soluções, apesar de os problemas muitas vezes serem comuns, são construídas em cada local. Em consequência, essa visão atualizada sobre o que implica a saúde, permite que se adotem novas perspectivas sobre o território, que passa a ser visto não apenas como o local de morada de uma família, mas também como um espaço compartilhado e construído coletivamente, em rede, ao longo de sua história.

Os atores da rede sociotécnica do Programa InovaSocial, que participaram do Ciclo de Encontros localizam-se nos estados de Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte,

Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (**Figura 14**).

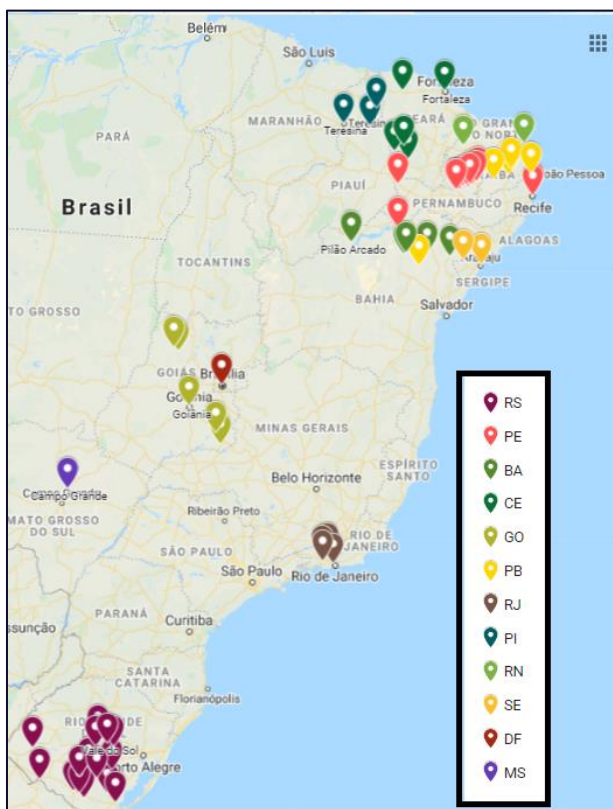


Figura 14. Mapa da Rede do Ciclo de Encontros do Programa InovaSocial

Fonte: Elaboração dos autores. Disponível em:

<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1WBwLldrgD01UO0iB5yZY0Qh8rCJn3FpG&usp=sharing>

O Ciclo de Encontros, de uma forma geral, recebeu avaliações positivas, principalmente pela oportunidade de:

1. Abandonar a imobilidade que o medo perante as incertezas do momento pandêmico trouxe, para expandir conhecimentos em saúde coletiva, sobretudo quanto à relação entre o alimento, o ambiente e a saúde;
2. Entender a possibilidade e necessidade de adaptação contínua de hábitos nas esferas pessoais e profissionais, com vistas a empreender ações coletivas de vigilância em saúde, atualizando práticas e procedimentos do trabalho em campo;
3. Estruturar guias e orientações de cuidado em saúde fundamentadas para um retorno a campo mais consciente. Ampliou-se a visão única e exclusivamente em protocolos sobre o que se deve ou não fazer em campo, para se constituir uma visão relacionada à prática do cuidado, que abre a possibilidade de se renovar aquela atuação profissional.

-
4. Compreender o papel primordial e multiplicador dos sujeitos nos territórios dos que fazem parte, em um momento de crise sanitária, inclusive para a definição de políticas públicas à distância, a partir de mudanças simples e com base na pedagogia da alternância;
 5. Ter contato com distintas realidades regionais, mas com problemas comuns, trocando experiências entre os atores das redes sociotécnicas dos projetos territoriais do Programa InovaSocial;
 6. Identificar as formas como os diferentes estágios da pandemia da Covid-19, nos diversos territórios, demandam respostas adaptativas que podem ser identificadas e compartilhadas durante o Ciclo de Encontros, mas que dependerão, principalmente, das especificidades locais. As respostas para o enfrentamento à pandemia muitas vezes encontram-se no território, por isso reforçou-se a importância dos processos formativos, com base na metodologia de cartografia social, na pedagogia do cuidado, no entendimento dos caminhos das águas;
 7. Concluir que, em suas atividades cotidianas, tanto os técnicos, quanto os agricultores e seus familiares podem atuar junto com os agentes de saúde e apoiar o esforço nacional de enfrentamento da pandemia da Covid-19, atuando também como agentes de transformação da realidade local.

O Ciclo de Encontros suscitou inquietações, provocações e reflexões, além de proporcionar uma troca de experiências extremamente ricas que serviu para consolidar a ideia de se promoverem territórios saudáveis e sustentáveis entre as comunidades. Nesse sentido, pode-se afirmar que, a partir do Ciclo, conseguiu-se formar uma nova visão sobre o território, ampliando os debates e as interações entre as experiências locais. Ficou evidente que, em rede, pode-se trabalhar a informação de forma estratégica, para que se transforme de fato em agir comunicativo, a partir do conhecimento técnico, mas também da escuta do território e dos agricultores. Atuam a partir da pedagogia do cuidado e da pedagogia da alternância.



O Ciclo produziu uma espécie de pedagogia de alternância virtual que alimentou o trabalho prático de campo e trouxe questões prementes a serem incorporadas na construção do cuidado individual e de uma ação de vigilância em saúde. Pode-se concluir que, ao revisitar as práticas de vigilância popular, incorporadas de diversas formas durante o Ciclo, abriu-se a possibilidade de se produzirem novas formas de ação e interação, especialmente tendo por base um agir comunicativo para o planejamento de

ações sequenciais. Também, identificou-se que é preciso interagir com parceiros que tenham vinculações com o sistema agroalimentar local e com todos aqueles sujeitos que integram as ações institucionais propostas. Revelou-se fundamental escutar as pessoas e grupos nas bases, quem têm grandes contribuições a oferecer e conhecimentos inspiradores a serem compartilhados desde diferentes regiões do Brasil. Um dos resultados do diálogo e da construção coletiva foi o **Anexo de Mensagem de Fim de Ano 2020**.

À medida que as reflexões sobre inovação social, propostas no Ciclo, foram assimiladas coletivamente, conceberam-se alternativas e novas formas de práticas e procedimentos, como a implementação de barreiras sanitárias múltiplas. Assim, o Ciclo de Encontros teve um alcance considerável, fazendo com que as pessoas percebessem o quanto é significativo dialogar com as temáticas vigentes da promoção da saúde e o quanto são potentes as contribuições que cada um dos sujeitos em interação aporta para os debates. Foi indispensável inserir, nas discussões, os próprios atores locais. Afinal, para repensar as abordagens territoriais em curso ou as formas mais adequadas de se oferecer assistência técnica às comunidades do campo, ninguém melhor que os próprios atores locais para identificar e discutir os caminhos possíveis e mais eficientes. Foi fundamental, ainda, o contato com os Agentes Comunitários de Saúde (ACSs) e os Agentes de Combate às Endemias (ACEs) que trouxeram ricas contribuições aos debates.

O Ciclo terminou sendo fonte de inspiração e motivação, pois estimulou uma percepção dialética, baseada na agroecologia, na produção diversificada e numa identidade regionalizada, e promoveu a urgência de se mudarem hábitos a fim de se universalizar melhores padrões de qualidade de vida. Assim, pode-se afirmar que o Ciclo, a partir das avaliações e relatos apresentados, atingiu esse objetivo de disseminar informações acerca da vigilância popular em saúde e, sobretudo, de produzir agentes coletivos para promoção da saúde, no âmbito das ações dos projetos do Programa InovaSocial. Seguimos unidos pela vida!

Anexo- Mensagem de Fim de Ano 2020



Feliz Natal e um Ano Novo cheio de Saúde!

Mais um Natal está chegando. Só que este não será um Natal igual aos outros... Se, por um lado, estaremos distantes da presença dos familiares e amigos queridos; por outro, estaremos todos unidos na esperança de vencer a pandemia. E não há momento mais oportuno para falar de esperança do que no Natal. A fé de que o pior vai passar só é possível porque nós estamos aprendendo a nos cuidar.

Nós entendemos que falar de saúde não é coisa só de doutor. Aprendemos que a transmissão do vírus e a proteção contra ele ocorrem de múltiplas formas, que esse vírus circula de um lugar para o outro, levado pelas pessoas, em meio às aglomerações. E, então, tivemos coragem para mudar comportamentos e hábitos, mesmo nos momentos de maior incerteza: usar a máscara e o álcool, ter mais atenção à higiene, ficar em casa e duvidar de promessas de cura milagrosa.

A alimentação e o cuidado são essenciais. A pandemia alterou os nossos modos de vida nos territórios, trouxe consequências graves para a produção, para a renda e a alimentação e é uma ameaça real do retorno da fome. Contudo, somos criativos, aprendemos a nos informar para saber o que fazer, mudamos o jeito de trabalhar e usamos a tecnologia a nosso favor. E descobrimos que podemos ser educadores populares em saúde.

Entendemos o nosso papel, somos todos educadores populares em saúde. Para exercer esse papel, é preciso conversar entre nós, interagir com os serviços de saúde, produzir um cuidado individual e coletivo compartilhado: quando cada um se protege, também protege os outros e, em especial, os que são mais vulneráveis ao vírus. Cada olhar vigilante popular em saúde contribui para que a pandemia acabe mais rápido e, agindo juntos em uma rede de comunicação, nós nos fortalecemos.

E podemos fazer mais: identificar e comunicar as iniciativas e ações efetivas que podem ser aplicadas em outros territórios, conectados em redes de aprendizagem e intercâmbio de saberes. Assim, construiremos um agir sanitário integrado e popular!

Se a pandemia trouxe insegurança, também abriu espaço para a solidariedade como resposta e para a pedagogia do cuidado em rede. Para atuar a partir desses marcos, é preciso compreender as conexões que existem:

- entre as pessoas, nos espaços de vida e trabalho;
- entre a educação e a dinâmica da vida nos territórios;
- entre a produção de alimento saudável intermediada pela segurança alimentar e nutricional.

As interdependências nos ensinam que as ações de cuidado não podem parar; pois a pandemia tem efeito de onda, vai e volta. O cuidado é o melhor presente a se oferecer ao próximo neste Natal! Continuemos vigilantes populares em saúde! Vacina Já!

Ciclo de Encontros Inovação Social em Territórios Saudáveis e Sustentáveis no Contexto Pandêmico e Pós Pandêmico

